

Daisaku Ikeda nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928.

Formado pela Escola Superior Fuji, na área de Economia, é atualmente presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma das maiores organizações não governamentais das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de associados em 192 países e territórios.

Fundou várias instituições educacionais e culturais, como as escolas Soka (da educação infantil ao ensino superior), a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Artes Fuji de Tóquio.

Pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de vinte línguas, é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1992, ocupando a cadeira de nº 14.

Ikeda acredita que um movimento popular centralizado nas Nações Unidas é a chave para transformar o mundo, onde imperam a desunião e a hostilidade, num lugar de coexistência pacífica. Por isso, apresenta anualmente, no dia 26 de janeiro, aniversário de fundação da SGI, sua proposta de paz.

A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).



Carta da Soka Gakkai Internacional

Preâmbulo

Nós, organizações constituintes da Soka Gakkai Internacional (SGI), abraçamos o objetivo fundamental e a missão de contribuir para a paz, a cultura e a educação, com base na filosofia e nos ideais do Budismo Nitiren.

Reconhecemos que, em nenhuma outra época da história, a humanidade testemunhou tamanha justaposição de guerra e paz, discriminação e igualdade, pobreza e fartura, como no século 20. O desenvolvimento da tecnologia militar cada vez mais sofisticada e exemplificada pelas armas nucleares, criou uma situação em que a própria sobrevivência da espécie humana foi posta em risco. A realidade da violenta discriminação étnica e religiosa tem se apresentado num interminável ciclo de conflito. Se não bastasse, o egoísmo e a negligência do homem causaram, e continuam causando, problemas mundiais, como a degradação do meio ambiente. Também observamos que os abismos econômicos criados se intensificam entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, com sérias repercussões para o futuro coletivo da humanidade.

Acreditamos que o Budismo de Nitiren Daishonin, filosofia humanística de infinito respeito pela dignidade da vida e de benevolência que abrange tudo, capacita os indivíduos a cultivar a sabedoria e a criatividade do espírito humano para vencer as dificuldades e as crises que a humanidade enfrenta. Tal capacitação faz surgir uma sociedade de coexistência próspera e pacífica.

Nós, organizações constituintes e membros da SGI, nos determinamos a hastear bem alto a bandeira da cidadania mundial, do espírito de tolerância e do respeito aos direitos humanos. Embasados no humanismo budista, no diálogo, nos esforços práticos e no firme compromisso com a não violência, dispomo-nos a desafiar as questões mundiais. As-

sim, adotamos esta Carta para ratificar os seguintes propósitos:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura, visando à felicidade e ao bem-estar de toda a humanidade, inspirada no respeito budista à dignidade da vida.

2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.

3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de crença e de expressão religiosa.

4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo Nitiren por meio de intercâmbios, contribuindo, dessa forma, para a concretização da felicidade individual.

5. A SGI, por intermédio das organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuir para a prosperidade de suas respectivas sociedades, como bons cidadãos.

6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes, de acordo com as condições predominantes em cada país.

7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, promoverá diálogos e atuará, em parceria, para a solução de questões fundamentais da humanidade.

8. A SGI respeitará a diversidade cultural e realizará intercâmbios culturais para criar uma sociedade internacional de cooperação e de compreensão mútua.

9. A SGI visará, com base no ideal budista de simbiose, à proteção da natureza e do meio ambiente.

10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, da busca da verdade e também do desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a aprimorar o caráter e desfrutar uma vida plena e feliz.

Todos os direitos reservados à Editora Brasil Seikyo Ltda.

Editora Brasil Seikyo Ltda. Administração e redação: Rua Tamandaré, 1.040
São Paulo, SP _ CEP: 01525-000

Fones: (11) 3349-1930 / 1941 / 1942 / 1950 _ Fax: 3349-1949
CNPJ nº 61.612.891/0001-21

Matrícula na Lei de Imprensa nº 2092 - Registro no INPI nº 0060117320

Diretor-presidente: Wagner Takeshi Issami

Jornalista responsável: Júlio Tadachi China (matrícula no DRT nº 17.595)

Impressão: EGB - Editora Gráfica Bernardi Ltda.

Criação de Valores Humanos:

**A construção de um
mundo solidário, capaz de se
recuperar de tantas aflições**

Por Dr. Daisaku Ikeda,
presidente da Soka Gakkai Internacional

Enviada às Nações Unidas (ONU)
por ocasião do 39º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2014

Revisão: Thiago de Mello

Tradução: Mariana Ballester Sales Vieira

Colaboração: Maria Alice da Costa e Edson Cruz

Foto da capa e quarta capa: Shutterstock

Arte: Henrique Kubota

Criação de Valores Humanos:

A construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições

Revisão: Thiago de Mello



ATUAÇÃO Membros da SGI de diversos países em encontro no Japão

Neste 26 de janeiro, data que marca o aniversário de fundação da Soka Gakkai Internacional (SGI), trago algumas reflexões sobre os caminhos que o século 21 nos abre ao encontro de esperan-

ça, solidariedade e paz, imprescindíveis à existência de uma sociedade mundial sustentável, na qual a dignidade de cada indivíduo desponte com o seu íntimo brilho.

No ano passado, avanços promissores deram sinais de recuperação da economia mundial e tendência à redução dos investimentos belicistas. Ao mesmo tempo, conflitos nacionais e internacionais provocaram graves crises humanitárias. Além disso, desastres naturais e fenômenos climáticos extremos causaram enorme sofrimento em todo o mundo.

A Guerra Civil na Síria, que já dura quatro anos, é um conflito brutal que forçou mais de 2,3 milhões de pessoas a se refugiar em outros países e deslocou outras 6,5 milhões dentro do país.¹ Não pode tardar mais o cessar fogo, para que a ajuda humanitária possa chegar aos necessitados e se encontre uma solução pacífica para o conflito.

Em novembro do ano passado, as Filipinas foram atingidas pelo mais destruidor tufão da história: seis mil mortos e 4 milhões de desabrigados.²



CONVIVÊNCIA Pessoas comuns brincam em festival de pipas no parque Tsaritsyno em Moscou, na Rússia

“Acima de tudo, a força de vontade e a vitalidade das pessoas de uma comunidade são energias fundamentais”

A comunidade internacional deve se empenhar para responder a essas crises humanitárias, impedir que a situação das vítimas se agrave ainda mais, e levar alívio a todos que de alguma forma foram afetados.

Com essa capacidade de reação e à luz da crescente ocorrência de desastres e situações climáticas extremas, frequentes nos últimos anos, também tem crescido a necessidade de dar às sociedades humanas maior poder de se recuperar — preparando a comunidade para enfrentar o perigo e administrar crises.

Resiliência, conceito da física, descreve a capacidade de um material para voltar à sua forma original, modificada por pressões externas. Por analogia, o termo exprime a capacidade das so-

iedades humanas de se recuperar de impactos severos, destruição ambiental ou crises econômicas. Em casos de desastres naturais, aumentar a resiliência significa ampliar todas as habilidades, desde a prevenção e redução de danos até a ajuda às pessoas atingidas e apoiar o processo de recuperação, muitas vezes longo e trabalhoso.

Para isso, são imprescindíveis respostas políticas e institucionais adequadas: fortalecer a resistência das estruturas aos abalos sísmicos e renovar infraestruturas ultrapassadas, mas o elemento humano é ainda mais essencial. Lembro palavras dos escritores norte-americanos Andrew Zolli e Ann Marie Healy:

Em nossas viagens, onde encontramos essa força de recuperação social, sempre também encontramos comunidades fortes.³

Reconheçamos a importância de cultivar, na convivência diária, o “capital social” de intercâmbios e laços entre pessoas da mesma localidade. Acima de tudo, a força de vontade e a vitalidade das pessoas de uma comunidade são energias fundamentais.

“Uma sucessão de mudanças individuais e nas comunidades abre o caminho para a humanidade vencer os seus desafios”

Resiliência é tema constante no meu diálogo com o pesquisador e pacifista Professor Kevin P. Clements. Concordamos que não basta agir depois da catástrofe, como é costumeiro em casos de desastres naturais. É necessário transformar os próprios fundamentos da sociedade, mudar uma cultura de guerra em cultura de paz, é o que nos pede a ONU.

Se quisermos que essa força alcance a plenitude de suas ricas possibilidades, precisamos compreender bem o que significa essa palavra. Não é apenas a capacidade de nos preparar para enfrentar e resolver as consequências dos desastres; ao contrário, devemos considerá-la caminho para um futuro de esperanças, aberto pelo desejo natural das pessoas de trabalhar de mãos dadas por objetivos comuns e sentir na prática que eles avançam. Faz parte imprescindível do projeto compartilhado pela humanidade de criação do futuro — projeto do qual pode participar qualquer pessoa, em qualquer lugar, para a sólida fundação de uma sociedade humana mundial que garanta o seu futuro.

Quando considero esse desafio, recorro as palavras do notável historiador do século 20, Arnold J. Toynbee (1889–1975):

Não estamos condenados a deixar a história se repetir. O que nos é concedido e nos compete, na nossa circunstância, é dar à história, com os nossos próprios esforços, um desfecho novo e sem precedentes.⁴

Para mim, este é o desafio da criação de valores — um processo pelo qual todos nós, cada um na sua função e de acordo com a sua capacidade, agimos para criar esse valor com a missão de torná-lo real, para beneficiar nossos concidadãos e o futuro de toda a sociedade.

Por ocasião da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável 2002 (WSSD), enfatizei que um jeito novo de olhar a humanidade — por meio da reforma e expansão das capacidades inerentes à nossa vida — é fundamental para alcançar mudança e fortalecimento em escala mundial.

Isso é o que na SGI chamamos de revolução humana. Sua essência está no empoderamento, que permite a cada indivíduo manifestar ilimitadas capacidades. O pleno significado da revolução humana não se efetiva enquanto ela se mantém confinada a uma mudança na vida interior. Na verdade, a coragem e a esperança resultantes dessa mudança interior levam as pessoas a enfrentar e vencer dificuldades vindouras; é um processo de criação de valor que culmina na transformação da própria sociedade. Uma sucessão de mudanças individuais e nas comunidades abre o caminho para a humanidade vencer os seus desafios. À medida que avança esse processo de transformação mundial, o sorriso volta às pessoas sombreadas pelos sofrimentos. Passam a perceber a plena extensão das suas potencialidades e, de boa vontade, enfrentam solidárias problemas mundiais. O desafio de agregar valor está em juntar o micro ao macro, o individual ao social, de modo a reforçar a transformação positiva nos dois planos.

Nesta proposta, eu me concentro em três aspectos da criação de valores, por meio dos quais se amplia a capacidade de recuperação social e ainda permite avançar rumo a uma sociedade sustentável:

- **Criação de valor que assume a esperança como ponto de partida;**
- **Criação de valor para o trabalho unido na solução de problemas; e**
- **Criação de valor para florescer o melhor de cada um de nós.**



VOZES PELA PAZ
Coral de meninas
do Afeganistão

A CRIAÇÃO DE VALOR QUE ASSUME A ESPERANÇA COMO PONTO DE PARTIDA

Em 2 de abril de 2013, a Assembleia Geral da ONU adotou o marco do Tratado de Comércio de Armas (TCA), que regulará o comércio internacional de armas convencionais e de pequeno porte para tanques de guerra, aviões de combate e navios de guerra. É o primeiro regulamento juridicamente vinculativo do comércio mundial de armas.

Mais uma vez, os esforços conjuntos de organizações não governamentais (ONGs) desempenharam um importante papel na aprovação de tratados, como foi o caso no de Proibição de Minas e no da Convenção sobre Munições de Fragmentação. São exemplos inspiradores: quando a sociedade civil se une numa clara missão, é possível dar à história “um desfecho novo e sem precedentes”.

Ao longo dos anos, tenho acentuado repetidas vezes a necessidade de normas internacionais para a regulação do comércio de armas. Desejo fortemente que o Tratado de Comércio de Armas entre em vigor e seja implementado o mais rápido possível.

O comércio desregulado de armamentos e a proliferação bélica contribuem para violações dos direitos humanos e indescritíveis atrocidades. Nosso planeta continua a ser agitado por lutas armadas, conflitos civis e pela violência do crime organizado. Todos os dias inúmeras pessoas morrem ou ficam incapacitadas.

Faz dois anos um atirador talibã atingiu a cabeça da jovem Malala Yousafzai quando ela defendia a educação para meninas no Paquistão, sua terra natal. Ferimento quase fatal, mas ela se recuperou de forma extraordinária e continua a clamar pelos direitos das mulheres e o acesso à educação das meninas. No discurso na ONU, em Nova York, em 12 de julho do ano passado, sua convicção foi inabalável:

*Nada mudou em minha vida, a não ser o fato de que a debilidade, o medo e a desesperança morreram; a força, o poder e a coragem nasceram. (...) Sou a mesma Malala. Meus anseios são os mesmos, minhas esperanças as mesmas, meus sonhos os mesmos.*⁵



Malala Yousafzai

Malala Yousafzai nasceu em 12 de julho de 1997, em Mingora, no Paquistão. Quando criança, tornou-se defensora da educação para meninas, confrontando o regime Talibã — opressor aos direitos da mulher. Por causa disso, foi ameaçada de morte pelo Talibã e, em 9 de outubro de 2012, um homem armado tentou assassiná-la quando voltava da escola.

Em seu aniversário de 16 anos, em 12 de julho de 2013, ela discursou nas Nações Unidas: “Vamos pegar nossos livros e canetas. Eles são nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo. A educação é a única solução”.

Nesse mesmo ano, ela foi indicada para o Prêmio Nobel da Paz.

“Quem pode suportar o desafio de aflições sem perder a fé no sentido da vida, transforma a tragédia pessoal num triunfo da humanidade”

Apesar das constantes ameaças que recebe, Malala persevera no ardente desejo de que mulheres e crianças que continuam a sofrer maus-tratos, violência e opressão sejam capazes de se levantar e falar por si.

Pessoas expostas a calamidades — perigos imprevistos, desastres naturais, crises econômicas ou ameaças persistentes, opressão política, violação dos direitos humanos — correm o risco de sucumbir ao desespero levadas pelo terror, a tristeza ou a dor. No entanto, se abrimos mão da esperança e nos deixamos estagnar pela impotência, não só permitimos que os problemas persistam, como contribuímos, inadvertidos, para que proliferem em outros lugares.

O psicólogo austríaco Viktor E. Frankl (1905–1997), conhecido pelo seu livro *Em Busca de Sentido* sobre suas experiências nos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, afirmou que o sofrimento adquire um sentido quando é suportado em prol dos outros, em nome de uma causa maior — somente assim podemos encontrar em nós mesmos a luz da humanidade para dissipar a escuridão do desespero.⁶ O importante, assinalou ele, é a atitude e a maneira que enfrentamos os cruéis e inevitáveis golpes do destino: os seres humanos têm a capacidade de descobrir e compreender o sentido da vida até

criação de valores humanos: a construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições



LEGADO As obras do Professor Tsunesaburo Makiguchi, autor da Teoria de Criação de Valores, foram traduzidas para diversos idiomas

o último suspiro.⁷ Frankl chamou de “valor da atitude” essa capacidade de reunir os recursos do espírito humano em resposta ao infortúnio (*Einstellungswerte*).

Em outras palavras: quem pode suportar o desafio de aflições, sem perder a fé no sentido da vida, transforma a tragédia pessoal num triunfo da humanidade. É um trabalho de criação de valor.

No mesmo momento em que Frankl lutava para sobreviver nos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, o fundador e primeiro presidente da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944), era preso por não se submeter ao controle de pensamento imposto pelo governo militar japonês. Considerando bem a luz lançada sobre as capacidades do espírito humano, a ideia de Frankl sobre “valor da atitude” é coerente com o pensamento de Makiguchi, para quem o objetivo da educação era cultivar o que chamou de “valor do caráter” [*Jinkaku kachi*, em japonês].

O termo “Soka” — criação de valores — empregado no título da maior obra de Makiguchi, *Soka kyoikugaku taikei* (Teoria do Sistema Educacional de Criação de Valores), surgiu de uma discussão com

seu discípulo mais próximo, Josei Toda (1900-1958). Toda era educador, como Makiguchi, tornou-se o segundo presidente da Soka Gakkai, após a Segunda Guerra Mundial. O ano próximo marcará o 85º aniversário da publicação deste livro.

Makiguchi descreveu uma pessoa possuidora de “valor do caráter” como alguém cuja presença é sempre procurada e apreciada em tempos de crise, mesmo que não atraia muito a atenção. São pessoas de força unificadora na sociedade.⁸

Nelson Mandela, ex-presidente sul-africano, falecido no ano passado, tinha exatamente esse “valor do caráter”. Sua vida foi farol de esperança e coragem para as pessoas do mundo inteiro.

Mandela foi preso por se levantar contra o declarado sistema de discriminação racial, o *apartheid*. Durante os 27 anos de cárcere enfrentou períodos de desespero, mas saiu da prisão em triunfo. Certo dia soube do falecimento de sua mãe e em seguida recebeu a notícia de que sua esposa fora detida e seu filho mais velho morreria num “acidente”. E mesmo nessas circunstâncias extremas, permaneceu inabalável. Em carta a um amigo, escreveu: “A esperança é uma arma poderosa, até quando nada mais resta”.⁹



CORAGEM Líder da SGI, Dr. Daisaku Ikeda, se encontra com o Nobel da Paz Nelson Mandela, no ano que ele foi libertado da prisão (Tóquio, Japão, 31 out. 1990)

Tempos depois, quando sua neta nasceu, ele lhe deu o nome de Zaziwe, que significa esperança — esperança que sempre fora sua companheira ao longo dos seus dez mil dias de cárcere. E mais tarde, ele escreveu: “Estava convencido de que essa criança faria parte de uma nova geração de sul-africanos, para a qual o *apartheid* seria uma memória distante — o meu sonho”.¹⁰ Com espírito tenaz e suportando tudo, jurou e lutou até o dia em que esse sonho se tornasse uma realidade.

Relembro comovido as duas vezes em que tive o privilégio de conversar com o presidente Mandela. Conversamos sobre a construção de uma sociedade em que todas as pessoas sejam tratadas com dignidade e respeito, ideal que acalentávamos em nosso coração, cada qual no seu caminho. Fiquei particularmente impressionado com a sua convicção de que o fim do *apartheid*, que descortinou um novo capítulo da história, não foi, absolutamente, algo que ele conquistara sozinho, mas o prêmio dos

esforços de inúmeros indivíduos. Esta convicção iluminou o discurso que fez em maio de 1994, pouco antes de eleito presidente da África do Sul:

*Vocês têm demonstrado tanta calma, uma determinação paciente de recuperar este país por vocês mesmos, que a alegria que agora podemos proclamar em voz alta aos quatro ventos é ‘Finalmente livres! Finalmente livres!’.*¹¹

As qualidades do presidente Mandela representam a esperança enraizada no “valor do caráter” — capacidade que não se encontra apenas em indivíduos extraordinários, pode ser alcançada por qualquer pessoa. De sua parte, Frankl manifestou esperança no “valor da atitude” — nossa capacidade de escolha e de encontrar sentido, até o último momento da vida, mesmo em circunstâncias mais graves. O desafio de criar valores surge dessas duas fontes de esperança.

CRIAÇÃO DE VALORES HUMANOS: A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO SOLIDÁRIO, CAPAZ DE SE RECUPERAR DE TANTAS AFLIÇÕES



PUREZA A flor de lótus, que floresce do fundo lamacento de um lago, nos ensinamentos budistas, simboliza a simultaneidade de causa e efeito, pois a flor e a semente germinam ao mesmo tempo

O PODER DA ESPERANÇA

A filosofia budista abraçada pelos membros da SGI — especificamente a do budista Nichiren Daishonin (1222-1282), um reformista do século 13 — conduz as pessoas a viver pelo compromisso de cumprir o seu profundo juramento [*Seigan*, em japonês]; a considerar o seu espaço o lugar propício para ser fiel à sua missão de vida, suportando as dificuldades; e a fazer da sua própria história fonte de eterna esperança.

Esta é a lição de vida que Daishonin ensinou a seus discípulos. No difícil cenário político e social do Japão feudal, ele proclamou a liberdade espiritual um direito inviolável: “Pode parecer que, por ter nascido nos domínios do governante, eu deva segui-lo em minhas ações. Porém, jamais o seguirei em meu coração”.¹²

Naquela época, o Japão estava devastado por terremotos e tufões, fome e epidemias. O sofrimento das pessoas era insuportável. Muita morte. Determinado a aliviar essa angústia, Daishonin advertiu, incansável, as poderosas autoridades a corrigir o pensamento e a forma de governo. Por sua firme oposição, sofreu emboscadas, foi condenado à morte e exilado duas vezes. Mas, fiel ao que escreveu — “Mais uma vez não retiro o que disse”¹³ —, permaneceu imperturbável diante de perseguições, perseverante em seu esforço para abrandar o sofrimento das pessoas.

Na época de Nichiren Daishonin, três diferentes correntes sobre a existência humana influenciaram pessoas desesperadas após tanta calamidade. Incentivavam o escapismo, a negação e a submissão passiva ao destino. Daishonin condenou tais pensamentos, e estimulava os que sofriam: “É como a pessoa que cai no chão, mas depois se levanta, apoiando-se no próprio chão”.¹⁴ Tratava de despertar em cada uma o poder interior que lhe permite superar as mais terríveis situações.

A primeira dessas correntes incentivava o escapismo, induzia as pessoas a pensar que alcançariam a felicidade num reino distante, fora da dura realidade. Daishonin combatia essa ideia com fervor: é no exato lugar onde estamos que devemos encarar a realidade e transformar a nossa vida. “Não há duas



SUTRA DO LÓTUS Exposição sobre o sutra reúne manuscritos de obras budistas traduzidas para vários idiomas

terras – pura e impura. A diferença reside apenas no bem e no mal da própria mente”.¹⁵

Desafiar as dificuldades fortalece o poder de transformação, inerente ao ser humano. Até uma tragédia pode lhe servir para o cumprimento de sua missão. Daishonin encorajou seus discípulos a enfrentar diretamente os problemas, o seu exemplo pode devolver a esperança a quem também sofre.

“Desafiar as dificuldades fortalece o poder de transformação, inerente ao ser humano. Até uma tragédia pode lhe servir para o cumprimento de sua missão”

A segunda maneira de pensar criticada por Nichiren Daishonin era a que estimulava as pessoas a negar a realidade, uma atitude de afastamento, “bater em retirada”, as pessoas fechadas em seu mundo, isoladas dos dolorosos infortúnios.

É verdade que em algumas escrituras budistas encontramos ensinamentos em que Shakyamuni (560-480 a.E.C.) propõe formas de distanciar-se dos apegos mundanos que provocam sofrimento e ilusão. No entanto, esses ensinamentos eram “meios apropriados” para atenuar temporariamente a infelicidade de pessoas na miséria. Para Daishonin, são provisórios, não representam absolutamente a intenção de Shakyamuni. Portanto, quando Nichiren Daishonin ensinava a passagem do capítulo “Os Feitos Iniciais do Bodisatva Rei dos Remédios”: “[O Sutra do Lótus] pode conduzir os seres vivos a abandonar toda angústia”,¹⁶ propunha a interpretação de “abandonar” como “compreender sua genuína natureza”.¹⁷

Afastar o pensamento dos problemas presentes, como se não existissem, apenas adia a inevitável tarefa de enfrentá-los, em algum momento futuro, permitindo que acabem se agravando ainda mais. Ao contrário, Daishonin defendia um modo de vida em que as pessoas enfrentem realidades penosas, identifiquem suas causas e procurem soluções. Acreditava que assim podem criar uma sociedade mais pacífica e feliz do que a anterior ao surgimento da tragédia.

O terceiro modo de pensar criticado duramente por Nichiren Daishonin era o que estimulava uma submissão passiva à realidade, levando-as a aceitar como imutável o seu estado intolerável. Condenando essa visão, afirmava que os seres humanos são capazes de revelar uma força interior tão forte quanto o sofrimento que enfrentam.

Sua explicação utilizava a analogia com as flores de lótus que florescem no lamaçal: assim como elas crescem imaculadas na água lodosa, os seres humanos, mesmo atolados nos desafios, são capazes de luz. A luta contra as adversidades transforma nossas experiências no alimento que nutre e revitaliza nossa vida. Daishonin inspirou seus discípulos a seguir um modo de viver capaz de iluminar sua existência, um sol de esperança, e de mudar a sociedade.

No mundo de hoje há uma tendência de desviar os olhos das questões urgentes — tendência que se torna ainda mais intensa quanto mais grave o problema. Mesmo entre aqueles que sabem, por exemplo, da ameaça que as armas nucleares representam ou dos perigos da destruição ambiental, tendem a desistir [da luta], convencidos de que seus esforços não seriam de grande valia.

Quebrar os grilhões da negação, da impotência e da apatia requer, acima de tudo, um profundo senso de missão e compromisso, baseado num empenho pessoal. O presidente Mandela manteve essa visão durante toda a sua vida. Em sua autobiografia, ele clamou sinceramente: “Os homens, creio eu, são incapazes de não realizar algo, ficar calados, não reagir à injustiça, não protestar contra a opressão, não fazer a sua parte pelo bem da vida do jeito que julguem melhor.”¹⁸ O mesmo sentimento está na promessa que sempre guiou as ações da fundadora do Movimento Cinturão Verde, Dra. Wangari Maathai: “Somos chamados a ajudar a Terra a curar suas feridas”.¹⁹

A referência às flores de lótus na água enlameada está originalmente no Sutra do Lótus para descrever o surgimento dos bodisatvas da terra. Eles juraram a Shakyamuni que, por toda a vida, trabalhariam pelo bem daqueles que estão em

O Sutra do Lótus e os bodisatvas da terra

Acredita-se que o Sutra do Lótus tenha sido compilado entre o século 1 e o século 2. Ele contém os ensinamentos de Shakyamuni, fundador histórico do budismo, registrados em forma de texto após a sua morte. Como muitos sutras Mahayana, a propagação do Sutra do Lótus se deu por meio de uma rota chamada “transmissão do norte”, chegando à China no século 3. O tema central do sutra é a ideia de que todas as pessoas possuem igualmente a natureza de buda.

Os bodisatvas da terra são descritos como “uma inumerável multidão de bodisatvas que emergem da terra”, aos quais Shakyamuni confia a missão de propagar os ensinamentos do Sutra do Lótus após a sua morte. Eles aparecem no 15º capítulo do sutra e representam aqueles que incorporam as qualidades de sabedoria, coragem e compaixão e que se empenham constantemente pela felicidade dos outros.

desespero e que, para tanto, estavam dispostos a nascer em tempos de desordem.

Ser fiel a um juramento [*Seigan*] difere essencialmente de aguardar de forma passiva que os outros tomem a iniciativa e esperar melancolicamente o resultado. Nem é o tipo de promessa que se abandona só porque as circunstâncias impedem honrá-la. Ao contrário, ela prova que nossa existência tem sentido, é um empreendimento que edificamos com todo o nosso ser, perseguido diante de qualquer aflição ou adversidade. Por mais que custe a sua realização.

Membros da SGI aspiram a viver como bodisatvas da terra: uma vida dedicada a cumprir seu juramento [*Seigan*], que Nichiren Daishonin identificou como essencial à prática budista. O empenho



MOVIMENTO CINTURÃO VERDE Dra. Maathai distribui mudas de plantas deste projeto, no Quênia (jan. 1983)

para alcançar a nossa meta pessoal nos permite perceber a nossa força interior e criar valor positivo, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Isso significa viver ao lado de pessoas angustiadas, buscar a felicidade tanto para si como para os outros, com o apoio e o estímulo recíprocos.

Como representante da sociedade civil, a SGI sempre apoiou as Nações Unidas e suas diversas atividades dirigidas para as questões mundiais de preocupação premente. Em dezembro de 1989, durante reunião com os subsecretários-gerais da ONU, Rafiuddin Ahmed e Jan Mårtenson, manifestei da seguinte forma a convicção que motiva nossos esforços para ajudar a sociedade planetária:

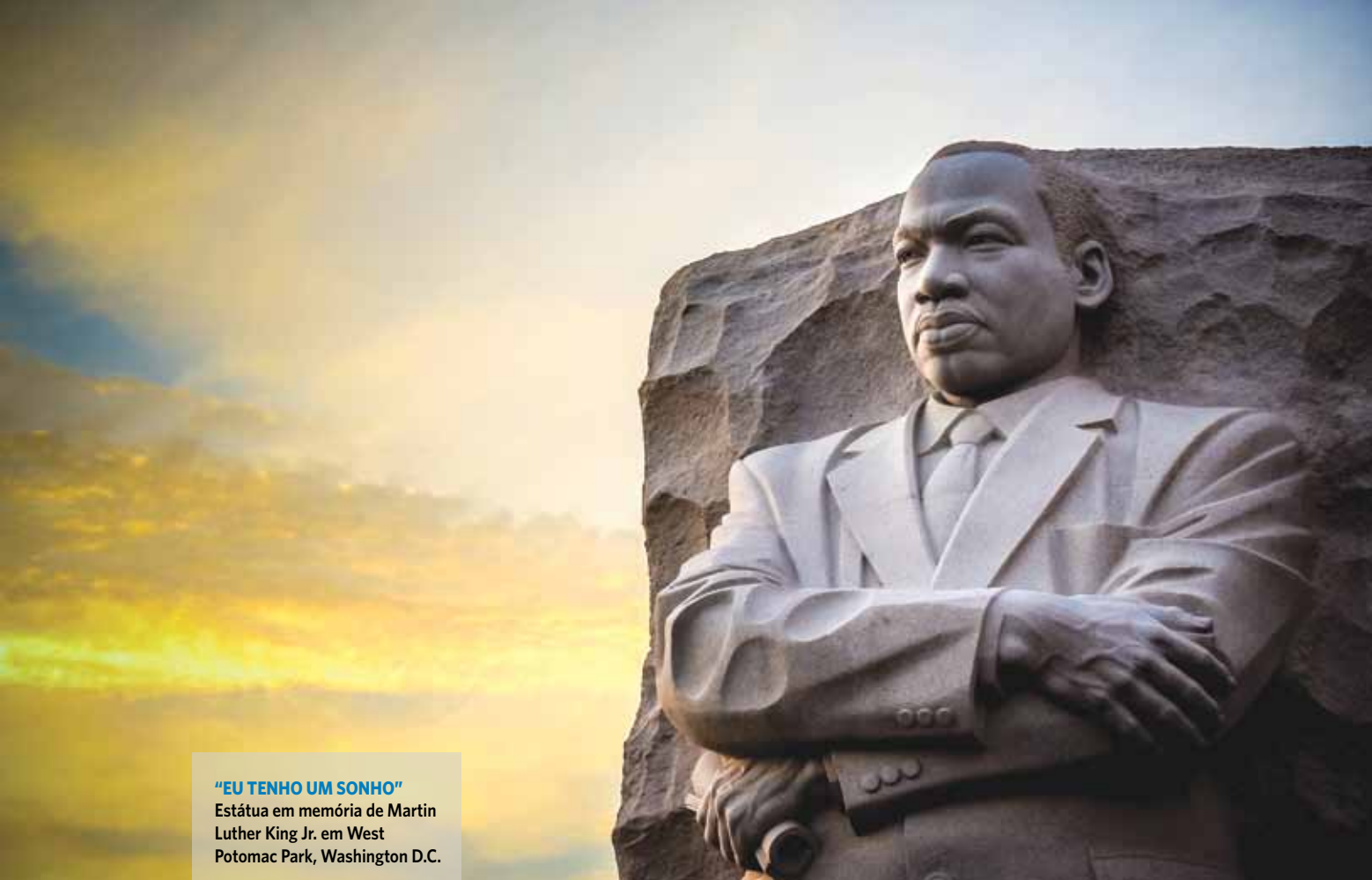
“O poder da esperança, disponível ao coração de toda pessoa, em qualquer circunstância e que inspira as gerações vindouras, é a raiz do esforço para criar valores”

A filosofia budista que prega a paz, a igualdade e a benevolência está de acordo com o espírito da ONU. Para nós, portanto, é essencial ajudarmos as Nações Unidas. Caso contrário, estaríamos traindo nossa missão como praticantes budistas.²⁰

Esperanças e objetivos elevados não podem ser conquistados durante a vida de uma única pessoa. No entanto, como atestam os exemplos do presidente Mandela e da Dra. Maathai, aqueles que viveram com senso de propósito e um juramento no âmago de seu ser continuam a inspirar os outros, mesmo após a morte. Suas vidas brilham como um modelo eterno para os que seguem seus passos. Com base neste princípio, Daishonin exortou seus discípulos a triunfar sobre as adversidades da vida:

Poderia haver uma história mais maravilhosa que a sua própria, contada pelas gerações futuras?²¹

O poder da esperança, disponível ao coração de toda pessoa, em qualquer circunstância e que inspira as gerações vindouras, é a raiz do esforço para criar valores. Creio que esse poder prepara o solo sobre o qual podemos unir nossas forças para enfrentar as graves questões que ameaçam a humanidade — e, por sua vez, servirá de ponte para a edificação de uma sociedade na qual todos convivam em paz e harmonia.



“EU TENHO UM SONHO”
Estátua em memória de Martin
Luther King Jr. em West
Potomac Park, Washington D.C.

CRIAÇÃO DE VALOR PARA O TRABALHO UNIDO NA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

O segundo aspecto de criação de valor que eu gostaria de expor é como essa tarefa une as pessoas para resolver problemas.

À medida que, nos últimos anos, avança a pesquisa sobre a natureza da resiliência, ganha luz a importância de uma série de fatores. Zolli e Healy, por exemplo, descrevem suas conclusões:

Comunidades resilientes frequentemente utilizaram redes informais enraizadas na confiança, para enfrentar e conter turbulências. A ajuda para resistir que vem de cima para baixo muitas vezes falha. A resiliência floresce quando esses esforços brotam espontâneos da interação da vida cotidiana das pessoas.²²

A dificuldade, porém, está na corrosão do capital social — trama de tecido das relações humanas. É esse tecido de interações que proporciona

o local indispensável para a criação da rede de profunda confiança que envolve o cotidiano das pessoas. Ele cumpre a função fundamental de um amortecedor, sem o qual os indivíduos ficam totalmente expostos aos impactos de ameaças e desafios que atingem a sociedade como um todo. Sem esse capital social, as pessoas são forçadas a enfrentar as adversidades sozinhas — com desespero ou com férrea determinação, mas para prevalecer o próprio bem-estar.

O filósofo e economista Serge Latouche chama a atenção para uma sociedade mais humana (*une société décente*) e o seu auxílio na reconquista da dignidade dos que foram deixados para trás na acirrada competição econômica. Para tanto, ele salienta a importância de uma ética da convivência, o simples prazer de estar com o outro.²³

Nos ensinamentos budistas encontramos uma frase que se coaduna com esse conceito: “A verdadeira alegria é aquela vivida por você e pelos outros”.²⁴ A semente que precisamos plantar no coração da sociedade contemporânea é a que pode criar um mundo no qual se note mais a luz

MOVIMENTO PELA PAZ Martin Luther King Jr. lidera protesto contra a Guerra do Vietnã e discursa sobre os direitos civis (EUA, abr. 1967)



calorosa da dignidade que o brilho frio da riqueza, um mundo marcado pela empatia que se recusa, resoluto, a abandonar aqueles que sofrem, e compartilha a alegria.

Esse tipo de mudança, fundamental na vida da sociedade, seria difícil em qualquer circunstância e parece quase impossível com o aniquilamento dos laços entre as pessoas. Para superar isso, acredito, precisamos reafirmar a nossa confiança na verdadeira natureza da sociedade humana. Talvez ninguém tenha expressado esse sentimento de maneira mais feliz do que o Dr. Martin Luther King Jr. (1929-1968), durante sua luta pela dignidade humana:

*Estamos todos presos numa rede de reciprocidade, da qual não podemos escapar, estamos amarrados com o mesmo tecido do destino. (...) Fomos feitos para viver juntos. (...)*²⁵

O conceito budista de “origem dependente” está de acordo com esse brado do Dr. King. O fato

“Estamos todos presos numa rede de reciprocidade, da qual não podemos escapar, estamos amarrados com o mesmo tecido do destino. (...) Fomos feitos para viver juntos. (...)”

Martin Luther King Jr.

de parecermos pouco ligados uns aos outros não esconde que o mundo é um tecido das profundas ligações de uma vida com outra. Qualquer coisa que a cada instante fazemos, atinge o espectro de nossas conexões.

A escritora Rebecca Solnit, que visitou áreas afetadas por desastres naturais em todo o mundo, declara que “as constelações de solidariedade, altruísmo e improvisação existem na maioria de nós

criação de valores humanos: A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO SOLIDÁRIO, CAPAZ DE SE RECUPERAR DE TANTAS AFLIÇÕES



DIÁLOGO Dag Hammarskjöld, então segundo secretário-geral da ONU, em uma coletiva de imprensa nas Nações Unidas (12 maio 1953)

e reaparecem nessas circunstâncias. As pessoas sabem o que fazer diante de um desastre”.²⁶ A questão chave é esta: como favorecer e incentivar as pessoas a mostrar essas capacidades no nosso dia a dia e não apenas em tempos de crise?

Em abril de 2012, a Sra. Solnit foi entrevistada pelo *Seikyo Shimbun*, jornal diário da Soka Gakkai no Japão. Ela mencionou certas condições que levariam pessoas a se envolver ativamente, em apoio mútuo, com as consequências de um desastre: “Você tem de se sentir parte da comunidade, sentir que tem voz, precisão de reagir e que é capaz de participar”.²⁷

São condições essenciais, em tempos de crise ou não, para o chamado aspecto da humanidade que o Dr. King descreveu, quando afirmou que somos feitos para viver juntos. São os pré-requisitos para surgir e entrar em ação a solidariedade.

Lembro uma troca de ideias entre o segundo secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjöld (1905–1961) e seu amigo de longa data, o romancista norte-americano John Steinbeck (1902–1968). Durante um jantar, Steinbeck perguntou o que deveria

fazer para apoiar tanto o amigo quanto a ONU, Hammarskjöld respondeu: “Sente-se no chão e converse com as pessoas. É o mais importante”.²⁸

Para mim, essas palavras representam o espírito desse homem corajoso, trabalhador infatigável para a resolução de conflitos em todo o mundo sem se abater pelos reveses, reverenciado como a consciência da ONU. Além disso, elas foram ditas apenas algumas semanas antes de Hammarskjöld partir para o Congo, onde negociaria uma trégua, viagem que acabou no acidente de avião que levou a sua vida.

Suas simples palavras transmitem a convicção de que, mesmo na resolução dos problemas enfrentados pela ONU ou pela humanidade, a jornada mais longa começa com um único passo: dialogar francamente com aqueles que estão bem ao nosso lado — no lugar que é o nosso porto — e, agir junto com eles. Isso mostra que o diálogo tem papel essencial: permite que cada indivíduo sinta que é parte de uma comunidade.

Não há, contudo, necessidade de rigor nem de pretender, com o diálogo, expectativas exageradas ou desejo, por exemplo, de que, iniciada a conversa, não se pare até que a resolução definitiva seja alcançada. As calorosas palavras de Hammarskjöld confirmam a importância do diálogo para transmitir pensamentos e ter prazer na companhia um do outro.

Considero meus tantos intercâmbios — vividos pelos diálogos, que me levaram a um profundo conhecimento mútuo — fonte de incomparável alegria. Para todos nós, expandir o diálogo na comunidade é ampliar o espaço de conforto e segurança. Dentro dele sabemos que estamos aceitos e que temos um lugar.

Esta qualidade de entendimento tem o poder de ajudar as pessoas a romper barreiras e trabalhar unidas por preocupações comuns. A alegria de descobrir, graças a uma conversa, a existência de outras pessoas que abraçam a mesma aspiração, desperta instintivamente a solidariedade. As possibilidades ilimitadas de cada indivíduo somente se manifestam por virtude dos nossos laços de colaboração.

Clube de Roma

O Clube de Roma foi fundado em 1968 por Aurelio Peccei, industrial italiano, e Alexander King, cientista escocês. Trata-se de uma associação informal de pessoas de diversas áreas que têm uma preocupação comum com o futuro da humanidade e do planeta e que estão interessadas em contribuir de forma coordenada, interdisciplinar e abrangente para melhorar o mundo. Ele ganhou destaque mundial com o relatório de 1972, denominado *The Limits to Growth* [Os Limites do Crescimento], que examinou como o crescimento exponencial [da população] interfere nos recursos não renováveis; e, a partir de então, continuou a emitir criteriosos relatórios.

Deve haver até cem membros titulares do Clube de Roma, reunindo representantes de mais de trinta países, distribuídos nos cinco continentes.

Esta solidariedade se desenvolve com o diálogo e torna possível o livre intercâmbio de ideias, pelo qual encontramos caminhos para romper os impasses inevitáveis. Dessa maneira, podemos celebrar cada vitória pequenina até alcançar o nosso objetivo.

Quanto à outra condição que a Sra. Solnit menciona — a consciência de que cada pessoa tem o seu papel a desempenhar numa comunidade —, basta ressaltar a importância do trabalho solidário para superar sofrimentos repartidos por todos.

Converso nestes dias com o ambientalista e Professor Dr. Ernst Ulrich von Weizsäcker, copresidente do Clube de Roma. Um dos nossos temas é o “trabalho automotivado” (*Eigenarbeit*), que ele define como ações espontâneas dirigidas ao bem dos que estão ao nosso redor e às gerações futuras. O importante é que ele não se limita a agir em nome de terceiros, mas abarca a ideia de criar um eu melhor, inaugurando um ciclo virtuoso.

“As ações que empreendemos para iluminar a dignidade dos outros, inevitavelmente, geram a luz que revela nossos valores mais elevados”

A dignidade humana não brilha isoladamente. O seu fulgor aumenta com o nosso empenho de construir uma ponte entre margens opostas, uma onde está você e outra onde está o seu companheiro. Nos ensinamentos budistas, encontramos estas palavras: “Se você acender uma lâmparina para alguém, também iluminará o seu próprio caminho”.²⁹ As ações que empreendemos para iluminar a dignidade dos outros, inevitavelmente, geram a luz que revela nossos valores mais elevados. Por difícil que seja a nossa situação ou profunda a nossa angústia, sempre nos vale a capacidade de acender a luz do incentivo. Que dissipa as trevas do sofrimento alheio e envolve o nosso próprio coração. Esta é a mensagem central do budismo.

Creio que o trabalho em comunidades, voluntariados e em ONGs, ou o simples fato de pessoas infelizes se aproximarem de outras que sofrem, pode gerar uma onda de alegria. Fortalecidos pelo diálogo, esses esforços impulsionam a criação de uma sociedade em que a dignidade de cada pessoa se manifeste plenamente.

Como afirma Helen Clark, administradora do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (Pnud): “Quanta diferença faria se as sete bilhões de pessoas do nosso mundo trabalhassem unidas para fazer a humanidade mais feliz”.³⁰

O ponto central que faz a diferença na resolução das dificuldades vividas por nós e por toda a humanidade reside na alegria da solidariedade. O desafio que está à nossa frente consiste em descobrirmos formas solidárias de criar valores.

criação de valores humanos: A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO SOLIDÁRIO, CAPAZ DE SE RECUPERAR DE TANTAS AFLIÇÕES



RESPEITO MÚTUO Helen Clark, administradora do Pnud, e Tuheitia Paki, atual monarca do Reino Māori na Nova Zelândia, fazem cumprimento “hongī” em encontro na ONU (28 abr. 2009)

criação de valor para florescer o melhor de cada um de nós

O último aspecto da criação de valores que desejo salientar é o que desperta o que de melhor existe em cada um de nós.

Está fazendo cem anos da Primeira Guerra Mundial, acontecimento que transformou profundamente a natureza da guerra, que passou a atingir civis, cada vez mais e de forma indiscriminada. A Revolução Industrial deu origem aos ataques a grandes distâncias, sem limitações geográficas. Ficou invisível a linha que distingue o *front* do verdadeiro campo de batalha. A população civil é a maior vítima dos bombardeios aéreos e da guerra submarina.

São cada vez mais atroz as formas de infligir danos ao inimigo. Com a crescente dimensão da guerra e a urgência em conquistar a “vitória” em batalhas individuais, os combatentes come-

çaram a usar gases venenosos e outras armas cruéis e desumanas.

O resultado inevitável dessas estratégias foi a ideia de guerra total, com o uso de todos os recursos humanos e materiais de um país para esmagar o inimigo. A Primeira Guerra Mundial foi a mortandade inumerável de civis e maciças baixas militares. Essa tendência cresceu na Segunda Guerra Mundial: morreram 34 milhões de civis e 17 milhões de combatentes.³¹

Depois da Primeira Guerra Mundial, surgiram as armas nucleares, com o cruel poder de extermínio humano. Símbolos mais recentes do extermínio são os veículos aéreos não tripulados, ou *drones*. Essas novas armas, formas mais evoluídas de ataque militar de longa distância, são a questão central do debate no seio da comunidade internacional.

Os ataques com *drones* — operados remotamente com a intenção de eliminar terroristas, grupos armados ou tudo que pareça ameaça — po-

Guerra Civil Espanhola

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi uma revolta militar contra o governo republicano da Espanha por parte de uma facção rebelde, conhecida como nacionalistas. Eles eram, em sua maioria, proprietários de terras e empresários e contavam com o apoio dos fascistas, da Itália, e dos nazistas, da Alemanha. Os republicanos, a favor da República Espanhola já estabelecida, eram, em sua maioria, trabalhadores urbanos e rurais e pessoas da classe média alfabetizada, apoiados pela União Soviética e pelas Brigadas Internacionais, que atraíam muitos jovens idealistas da Europa e da América. A Guerra Civil Espanhola foi, em muitos aspectos, uma preparação para as forças que viriam a combater na Segunda Guerra Mundial. Ela foi vencida pelos nacionalistas, e seu líder, Francisco Franco (1892-1975), governou a Espanha durante 36 anos.

dem executar um acusado, sem possibilidade de processo legal e a quem não é dada oportunidade alguma de defesa. Eles têm como premissa a inevitabilidade de danos colaterais — terminologia suave para se referir à morte de inocentes que têm a infelicidade de ficar ao alcance dessas armas. Esses aspectos dos ataques com *drones* são motivo de crescente preocupação. No ano passado abriu-se um inquérito especial sobre esses ataques aéreos, a pedido do Conselho de Direitos Humanos da ONU (CDH).

Ambos os armamentos — armas nucleares e *drones* — constituem um desrespeito ao espírito das normas humanitárias e dos direitos humanos. Na raiz deles nasce a atitude eliminadora, que considera inaceitável a existência de quem considera inimigo e se serve de todos os meios de destruição e morte.

Qual o impacto de uma dualidade radical do bem e do mal sobre o espírito humano? A especialista em ética Sissela Bok cita uma passagem do ensaio do poeta Stephen Spender (1909-1995) sobre a sua experiência na Guerra Civil Espanhola:

*Quando vi fotos das crianças assassinadas pelos fascistas, senti uma pena revoltante. Quando os partidários de Franco falavam das atrocidades dos Vermelhos, eu me indignava porque achava que as pessoas mentiam (...). Adquiri pouco a pouco uma espécie de horror pela maneira que a minha própria mente trabalhava. Convenci-me, com clareza, de que a minha indignação deveria ser imparcial, e que eu sofresse com a morte de qualquer criança assassinada.*³²

Assim, Bok concluiu:

*Sua percepção fora distorcida pela intensidade de sua preocupação com a vida das pessoas sob ameaça em seu lado do conflito e por seu horror e desconfiança com as táticas dos fascistas. Ele deixou de se preocupar com as crianças do lado fascista e passou a ver qualquer referência ao sofrimento delas como mera propaganda.*³³

A ideia de que o seu lado tem o monopólio do bem e os adversários são a própria personificação do mal foi o cerne do confronto ideológico que dividiu o mundo durante a Guerra Fria. Ela ainda persiste e se manifesta de diversas formas duas décadas após o fim do conflito. Notamos isso, por exemplo, nas afirmações de que todos os que praticam uma religião em particular representam o perigo em forma de ameaça terrorista, ou na aquiescência aos discursos de ódio e aos crimes contra uma etnia ou cultura específica por causa do temor da instabilidade social ou na vontade de restringir as liberdades e priorizar a vigilância acima dos direitos humanos em nome da segurança nacional.

criação de valores humanos: A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO SOLIDÁRIO, CAPAZ DE SE RECUPERAR DE TANTAS AFLIÇÕES

EDITORA BRASIL SEIKYO



JOVENS Conferência Nacional
de Universitários da BSGI
(Brasília, 14 fev. 2014)

“Todo esforço para lidar com a ameaça do terrorismo, o desafio da instabilidade social e as preocupações legítimas com a segurança deve sempre estar alicerçado no princípio de que toda forma de opressão é inaceitável”

É legítima a nossa preocupação com o terrorismo, a instabilidade social ou a segurança nacional. Mas, se respondemos com a equivocada visão de mundo que divide as pessoas em “do bem” e “do mal”, o resultado só pode ser mais lenha na fogueira do medo e da desconfiança e aprofundar cada vez mais a segregação social.

Com frequência, quem está convencido de sua própria bondade acaba sentindo o mesmo desprezo pela humanidade e pelos direitos humanos como aqueles que ele considera do lado da maldade.

É bom aprender com o que disse Nelson Mandela quando se tornou presidente:

Nós nos comprometemos a libertar todo o nosso povo da incessante escravidão da pobreza, privação, sofrimento, discriminação racial ou qualquer outra. Nunca, nunca e nunca mais esta bela terra vai ver um ser humano ser oprimido por outro.³⁴

Todo esforço para lidar com a ameaça do terrorismo, o desafio da instabilidade social e as preocupações legítimas com a segurança deve sempre estar alicerçado no princípio de que toda forma de opressão é inaceitável. Só assim podemos reparar o tecido desgastado da sociedade.

O ensinamento budista da “possessão mútua dos dez mundos” vai além da dicotomia radical



PACIFISTAS "Exposição Gandhi, King e Ikeda: Um legado de construção da paz" apresenta as ações dos três líderes pela paz e pelos direitos humanos

entre o bem e o mal. Ensina que mesmo os de estado de vida positivo (máxima benevolência) ainda carregam o potencial da má intenção ou da má ação. E nos alerta contra influências que nos desviem. Ao mesmo tempo, ensina que até o estado mais destrutivo da vida (o demoníaco) não é imutável. Toda pessoa, em qualquer momento, mantém a virtude da compaixão, que conduz à mudança interior.

No budismo, a parábola do brâmane que implora por um olho ilustra o primeiro caso. Em existência passada, quando Shariputra, um dos dez maiores discípulos de Shakyamuni, se empenhava nas práticas de bodisatva, que recomendam servir desinteressadamente aos outros, encontrou um brâmane, que lhe pediu um olho. Quando Shariputra atendeu esse pedido extremo, o brâmane não agradeceu, jogou o olho no chão e ainda pisou em cima. Achou que o olho fedia muito. Horrorizado, Shariputra decidiu que estava além de suas forças conduzir pessoas

como o brâmane para a salvação. E abandonou a prática que tanto perseguira.

A principal mensagem da parábola não é a dificuldade de oferecer o olho, mas a incapacidade de Shariputra de suportar a rejeição. No momento em que viu seu olho sendo pisado, o estado de vida de Shariputra se reverteu do altruísmo inicial para a busca isolada da própria iluminação. E mergulhou na dolorosa escuridão do egoísmo, por um tempo inimaginavelmente longo.

Nichiren Daishonin lembra essa história para salientar a vulnerabilidade de toda influência negativa. Pede que os discípulos façam um "grande juramento" de trabalhar pela felicidade dos outros,³⁵ e exalta a necessidade de mantê-lo continuamente para neutralizar a vulnerabilidade.

A transformação interior do antigo governante indiano rei Ashoka (304-232 a.E.C.) ilustra que o contrário também é verdadeiro: o potencial do bem existe mesmo no coração daqueles que cometem atos de maldade.

“O que precisamos fazer é nos unir, apesar das nossas diferenças, para formar uma oposição clara e universal a todos os atos de violência e intolerância”

Como governante do Império Mauria, Ashoka travou uma guerra contra o estado de Kalinga, conquistando-o por volta de 261 a.E.C. A guerra deixou cem mortos e 150 mil cativos. As lamentações dos sobreviventes vinham das ruínas fumegantes das casas e enchiam o ar. Diante de tanto sofrimento, Ashoka, atormentado, arrependeu-se de sua crueldade e jurou jamais guerrear. Ao longo de décadas, enviou emissários em missão de paz para outros países, incentivou o intercâmbio cultural e ergueu por toda nação colunas de pedra gravadas com advertências e decretos contra a morte de inocentes.

Numa conversa com o estudioso indiano Dr. Neelakanta Radhakrishnan, famoso por sua pesquisa sobre a vida e os ideais de Mahatma Gandhi, ele me declarou:

*Dentro de si, Ashoka se transformou de temido tirano em líder pacifista. Gandhi via em Ashoka em cada ser humano, capaz da mesma mudança.*³⁶

Foi esse exemplo histórico, acrescentado à sua própria batalha implacável contra o mal inerente, que levou Gandhi a declarar sua “fé inabalável na capacidade de resposta da natureza humana”³⁷ e manter o seu compromisso com a não violência (*ahimsa*). Só assim, ele pode não somente seguir adiante, e ganhar os seus adversários para a luta.³⁸

Ensinar a “possessão mútua dos dez mundos” nos encoraja a não condenar e rejeitar os que chamamos de maus. E nos mostra a maneira

de viver com os outros e juntos combater males sociais dos quais todos, em algum grau, somos cúmplices. Para isso, é preciso não perder de vista o nosso próprio potencial para o mal, enquanto trabalhamos para que prevaleça o melhor que existe em nossa própria vida e na vida dos outros.

Quando existe, dentro de outro grupo, quem se guia pela intolerância e a violência, as coisas se complicam, acelera a espiral de ódio, passamos a ver todo o grupo como nosso inimigo. O que precisamos fazer é nos unir, apesar das nossas diferenças, para formar uma oposição clara e universal a todos os atos de violência e intolerância. O trabalho da SGI por uma cultura de paz e de direitos humanos — metas fixadas pela ONU — surge da nossa convicção de que todos podem fazer a sua parte pela conquista desse ideal.

Como herdeiro do pensamento de Gandhi e líder na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, o Dr. Martin Luther King Jr. salientou que os três maiores obstáculos à liberdade não eram os ataques de fanáticos, mas sim a atitude de pessoas “mais devotadas à lei que à justiça”, “o silêncio terrível das pessoas de bem” e o “não fazer nada dos complacentes”.³⁹

O verdadeiro significado de uma cultura de direitos humanos não se esgota no ato de coibir atitudes que resultam nos males sociais. Reside na construção de uma sociedade em que cada pessoa revela benevolência interior e trabalha pela proteção dos direitos de todos.

O Conselho de Direitos Humanos determinou que o tema central da terceira fase (2015–2019) do Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos será o jornalismo e a mídia em geral. Este programa dará ênfase à educação e à formação em igualdade e a não discriminação, com o objetivo de combater os estereótipos e a violência e promover o respeito à diversidade.

A SGI sempre apoiou o Programa Mundial desde o seu início, em 2005, e vamos continuar a apoiar, trabalhando com as agências da ONU e as ONGs irmãs. Perseveramos no desafio da criação de valores, que reclama o melhor de cada um de nós.



DIVIDIR EXPERIÊNCIAS Estudantes franceses realizam intercâmbio cultural com estudantes de Burkina Faso, na África (26 fev. 2006)

EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL

Tenho agora três propostas que abrangem três áreas fundamentais, para a realização de uma sociedade humana mundial, onde cada pessoa se fortalece, fazendo a sua parte.

A primeira diz respeito à educação, especialmente da juventude. Já expliquei o desafio de criar valores pelo povo e para o povo, quando me referi a esta observação do Dr. Arnold Toynbee quanto ao futuro:

O que nos é concedido e nos compete, na nossa circunstância, é dar à história, com os nossos próprios esforços, um desfecho novo e sem precedentes.

A educação é a principal fonte de empoderamento que capacita as pessoas a abraçar este desafio.

Quando me encontrei com Nelson Mandela em Tóquio, outubro de 1990, nós nos concentramos na educação e no desenvolvimento dos jovens como os temas mais importantes para a construção de uma nova era. Mandela, libertado da prisão em fevereiro daquele ano, acreditava que uma nova África do Sul seria construída sobre os alicerces da educação. Expresssei que estava absolutamente de acordo com a interpretação de que a educação é o motor do desenvolvimento de um país, que se prolonga por muitos séculos. Este intercâmbio permitiu o aprofundamento da nossa convicção de que a educação é a fonte de luz que revela a dignidade das pessoas.

A educação é a chave para o futuro não só de uma nação, mas de toda a humanidade. O presidente Mandela foi capaz de suportar mais de 27 anos na prisão porque não parou de se educar, sonhando com o fim do conflito, para a criação de uma sociedade humana de paz e convivência harmoniosa. Na prisão, ele escreveu:

São apenas minha carne e meu sangue que estão trancados nessas paredes apertadas. Permaneci cosmopolita em minha esperança, em meus pensamentos. Sou tão livre quanto um falcão. A âncora de todos os meus sonhos é a sabedoria coletiva da humanidade.⁴⁰

Mandela leu clássicos gregos, ganhou inspiração e força interior para perseverar. Fazendo de Robben Island uma “universidade”, ele e seus



CÁRCERE Setor B da prisão de segurança máxima Robben Island. A cela de Nelson Mandela é a quarta da esquerda para a direita

companheiros de prisão esforçaram-se incessantemente para desenvolver a capacidade de dar vida aos seus ideais.

O mundo de hoje precisa de educação que possa capacitar as pessoas a criar valores, sustentada por esperança indomável e espírito de aprender com a sabedoria da humanidade. Isso é ainda mais verdadeiro para aqueles que sofrem ameaças, para os que se empenham em tornar este planeta um lugar melhor, especialmente os mais jovens, dos quais depende o futuro.

Em setembro do ano passado, a Assembleia Geral da ONU realizou um encontro especial para avaliar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e definir um cronograma pós-2015. Um processo de negociações intergovernamentais começa em setembro deste ano e a cúpula prevista para setembro do ano próximo vai definir novo conjunto de metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Sugeri, em propostas recentes, que as metas de transição para uma sociedade sem resíduos, prevenção e mitigação de desastres, desarmamento, segurança e direitos humanos, fossem incorporadas aos ODS. Insisto para que as metas

“O mundo de hoje precisa de educação que possa capacitar as pessoas a criar valores, sustentada por esperança indomável e espírito de aprender com a sabedoria da humanidade”

fixadas para a educação também sejam inseridas, visando ao acesso universal à educação primária e secundária, para eliminar a desigualdade de gênero em todos os níveis e promover a educação para a cidadania global.

Para dar vida à terceira dessas metas, peço que um novo programa de educação seja lançado entre a ONU e a sociedade civil. Servirá de reforço para a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS), que termina este ano.

“A educação é a chave para o futuro não só de uma nação, mas de toda a humanidade”

A importância da educação para a cidadania global é questão infalível em meus diálogos com líderes e especialistas de todo o mundo, desde o meu encontro com o Dr. Toynbee há mais de quatro décadas. Já na Proposta de Paz de 1987, tratei da educação para a cidadania global à luz dos valores universais do meio ambiente, desenvolvimento, paz e direitos humanos. Esta proposta nasceu da convicção de que a aprendizagem é indispensável à busca de soluções para os problemas mundiais.

Esta convicção, faz tempo acalentada, ganha profunda expressão no trabalho de sensibilização social da SGI com a exposição “Armas Nucleares: Uma Ameaça ao Nosso Mundo”, realizada pela primeira vez na sede da ONU, em 1982, e depois em tantas cidades do mundo, em apoio à Campanha Mundial do Desarmamento.

Como organização da sociedade civil, a SGI continua a promover a educação pública de base, realizando exposições como “Guerra e Paz” (1989), “Rumo ao Século da Humanidade: Direitos Humanos no Mundo de Hoje” (1993) e “Construindo uma Cultura da Paz para as Crianças do Mundo” (2003). Estas mostras foram exibidas mundialmente em apoio à Década da ONU da Educação em Direitos Humanos (1995-2004) e ao empenho das Nações Unidas por uma cultura de paz a partir do ano 2000.

Junto a outras ONGs, a SGI foi uma das primeiras defensoras da “Década” e salientou a continuidade de ações internacionais com este objetivo, enquanto trabalhava para promover a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS) e o Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos, desde que foram lançados em 2005. Além disso, a SGI apoiou o

processo de elaboração da Carta da Terra — documento que exalta os princípios e valores para um futuro sustentável — e por muitos anos trabalhou para inculcar este espírito no coração e na mente de todas as pessoas do mundo.

Em junho de 2012, a SGI e as ONGs com as quais colaboramos ao longo das últimas três décadas patrocinaram a mesa-redonda interdisciplinar “The Future We Create” [O Futuro que Criamos], evento oficial da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), realizada no Rio de Janeiro. Uma mesa-redonda de avaliação está programada para o próximo mês [fevereiro de 2014], em Nova York, para discutir o tema da cidadania global e do próprio futuro da ONU.

Durante os debates no Rio, ficou clara a importância de um processo educacional que não se limite à compreensão aprofundada dos problemas, mas sirva de catalisador que ajude os indivíduos a realizar seu potencial ilimitado e a exercitar a liderança para a transformação. Levando em consideração as experiências do passado e, sobretudo as conquistas sob a condução da ONU, o próximo passo deve ser explorar um novo sistema educacional, com ênfase no fortalecimento individual, pelo esforço coletivo na criação de valores.

Sugiro três elementos-chave como fundamentos de um programa educacional para a cidadania global:

- Aprofundar a compreensão dos desafios da humanidade. Permitir que as pessoas conheçam as suas causas. Inculcar a confiança na certeza de que problemas humanos pedem soluções humanas;
- Identificar os primeiros indícios das questões mundiais iminentes em fenômenos locais, desenvolver a sensibilidade para estes sinais e capacitar as pessoas para uma ação organizada; e
- Valorizar a empatia e a consciência de que ações que visam apenas ao lucro de uma nação podem ser vistas por outros países como ameaça, dando margens a um acordo contra a procura da felicidade e prosperidade de si mesmo à custa dos outros.

criação de valores humanos: A construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições



MUNDO Universidade Lingnan, de Hong Kong, promove a internacionalização dos povos. Este evento é realizado anualmente (19 out. 2011)

PREPARAR OS JOVENS PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

Ao lado da educação, considero imprescindível o empoderamento dos jovens para os ODS. Eles constituem um quarto da população mundial.⁴¹ É a geração que será mais beneficiada pelos ODS e, por isso mesmo, a que pode agir efetivamente para alcançá-los. Estratégias devem surgir para habilitar a juventude a se envolver em atividades de criação de valores e na construção de uma sociedade solidária. Proponho os seguintes objetivos a serem considerados nos ODS:

- Os Estados devem garantir trabalho digno para todas as pessoas;
- Os jovens devem participar ativamente da solução dos problemas enfrentados por suas comunidades; e
- O intercâmbio dos jovens deve expandir a amizade e a solidariedade que transcende fronteiras.

De acordo com algumas estimativas, há 202 milhões de pessoas desempregadas no mundo. E cerca de 900 milhões permanecem abaixo da linha de pobreza, vivendo com menos de US\$ 2 por dia.⁴² Para os jovens a situação é ainda mais grave.



EMPENHO Conferência Mundial de Agricultores e Pescadores, promovida pela Divisão dos Jovens, na província de Miyagi, Japão (set. 2013)

“É absolutamente essencial que os jovens ajudem a eliminar as dificuldades que o mundo enfrenta”

Muitas vezes ficam sem trabalho por longos períodos, e quando estão trabalhando são obrigados a se submeter a baixos salários, más condições de trabalho, contratos instáveis e desigualdade de gênero. Estas condições ferem a dignidade de muitos. Se persistem, acabam com suas esperanças e minam a própria vontade de viver.

Diante desta situação, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) incentiva os governos a tomar medidas que a todos garantam trabalho digno. Incluir esta perspectiva nos ODS solidificaria o caminho na boa direção.

É absolutamente essencial que os jovens ajudem a eliminar as dificuldades que o mundo enfrenta. Esta grande esperança faz parte da declaração adotada na Cúpula Mundial dos Jovens realizada na Costa Rica em setembro passado.

Solicitei a participação ativa dos jovens no enfrentamento dos problemas mundiais em minha Proposta de Paz enviada à ONU em 2006. Congratulo a Plataforma Online da ONU para os Jovens, lançada no ano passado e o desenvolvimento de medidas que repercutam a voz dos jovens em todos os países.

“Em parceria com outras ONGs e organizações da sociedade civil, criamos amplo movimento para que os jovens assumam a liderança pelo fim da angústia do nosso mundo”

Até hoje, os programas de intercâmbio de jovens se concentraram principalmente entre estudantes. A sua expansão, consenso da sociedade internacional, deve ser incluída nos ODS como garantia de maior participação da juventude. Este intercâmbio vai além do aumento da compreensão entre eles; a amizade e os laços cultivados são baluarte contra incitações coletivas de ódio e preconceitos.

Aumentar o número de pessoas, especialmente de jovens, conscientes da cidadania mundial, que se recusam a buscar a felicidade e a prosperidade do seu próprio país em detrimento de outros povos, neutralizará a presença do poder militar e a política de exclusão. Estes indivíduos desempenham papel fundamental na construção de uma sociedade humana pacífica. A amizade cultivada durante o tempo que passam juntos vale um tesouro sem igual para a humanidade, acende um juramento contra a guerra no coração das novas gerações de cada país e ajuda a luta contra as desgraças do mundo.

Este ano, a Soka Gakkai do Japão lançou a Ação Global Soka, campanha de jovens para derubar sofrimentos sociais. Em parceria com outras ONGs e organizações da sociedade civil, criamos amplo movimento para que os jovens assumam a liderança pelo fim da angústia do nosso mundo.

Cúpula Mundial dos Jovens

A Cúpula Mundial dos Jovens BYND 2015, realizada em San José, na Costa Rica, em 11 de setembro de 2013, organizada pela União Internacional de Telecomunicações da ONU, forneceu uma plataforma para os jovens de todo o mundo consolidarem recomendações a serem integradas às discussões sobre o desenvolvimento global pós-2015, da agenda da ONU. A sigla em inglês “BYND” significa *Broadband and Youth Networking Dialogues* [Banda Larga e Redes de Diálogos da Juventude], mas também faz menção ao termo inglês *beyond*, que significa “além de”.

Os jovens, em especial, têm debatido como a tecnologia pode conduzir ao desenvolvimento socioeconômico, a fim de moldar a agenda de desenvolvimento sustentável pós-2015. Além dos 700 participantes, mais de 3 mil jovens em todo o planeta estão conectados via internet para dar ideias usando uma única plataforma de *crowd-sourcing* e outras redes sociais.

Ação Global Soka

A Ação Global Soka é uma iniciativa dos jovens da Soka Gakkai do Japão e foi lançada em 2014. Ela possui três frentes de atuação:

1. Esforços simultâneos com os jovens da SGI em todo o mundo para edificar uma cultura de paz e pela abolição das armas nucleares, com foco específico em 2015, que marcará o 70º aniversário dos bombardeios atômicos em Hiroshima e Nagasaki.
2. Promoção de uma política de boa vontade na Ásia, por meio de intercâmbios culturais entre os jovens da Soka Gakkai e os jovens da Coreia do Sul e da China.
3. Assistência às ações de reconstrução pós-terremoto de Tohoku (março de 2011), com ênfase na atuação dos jovens para cuidar das vítimas do desastre.



RESISTIR Enorme carvalho com mais de mil anos sobreviveu a enchentes, secas, incêndios e furacões (Carolina do Sul, Estados Unidos)

COOPERAÇÃO PARA A RECONQUISTA DA FELICIDADE

A segunda área-chave que eu gostaria de discutir é a cooperação internacional para minimizar os danos causados por variações meteorológicas anormais e outros desastres.

De acordo com o relatório da Organização Mundial de Meteorologia de julho de 2013, mais de 370 mil pessoas morreram em decorrência de eventos climáticos durante a primeira década do século 21, incluindo o furacão Katrina, as inundações no Paquistão e a seca na bacia amazônica.⁴³

Fenômenos climáticos violentos continuam cada dia mais frequentes. Somente em 2013, o tufão Haiyan causou graves danos nas Filipinas e no Vietnã, chuvas fortes inundaram diversas áreas na Europa Central e na Índia, grande parte do hemisfério norte experimentou temperaturas recordes, resultado de ondas de calor. Além do dano direto, as alterações climáticas afetam setores vitais para o sustento da humanidade: a agricultura, a pesca

Emergência e calamidade na bacia amazônica

Em 2014, a maior bacia hidrográfica do mundo sofre com uma das maiores cheias da sua história. Municípios amazonenses entraram em estado de emergência ou calamidade pública. As populações ribeirinhas são as mais prejudicadas. As inundações causam a contaminação da água e dos alimentos, o aumento nos preços dos combustíveis e favorecem inúmeras doenças: leptospirose, cólera, febre tifoide, hepatite A, dengue, malária, diarreias agudas, além de afogamentos e acidentes com animais peçonhentos.

Pesquisadores alertam que episódios extremos como este, e a seca duradoura de 2010, reforçam a hipótese de que anomalias no regime pluviométrico e de temperatura serão mais frequentes em cenários futuros de mudanças climáticas.

“São urgentes mecanismos de assistência mútua com base nas lições aprendidas”

e a silvicultura. O prejuízo financeiro dos danos climáticos em todo o planeta é estimado em US\$ 200 bilhões.⁴⁴

A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (CQNUMC) começou a debater os danos climáticos separadamente da redução das emissões de gases do efeito estufa. Na décima nona sessão realizada na Polônia, em novembro do ano passado, foi emitido o Mecanismo Internacional de Perdas e Danos de Varsóvia. Segundo este acordo, sem força vinculativa, será solicitada assistência financeira dos países desenvolvidos aos países emergentes, ou em desenvolvimento, afetados pelas convulsões da Natureza. A próxima oportunidade para sua revisão não se dará antes de 2016, de modo que há dúvidas quanto à sua real eficácia.

Em novembro de 2013, o Instituto Universitário das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Segurança Humana emitiu um relatório de alerta: “Os níveis atuais de adaptação e de ajuda são insuficientes para evitar os impactos negativos do estresse climático”.⁴⁵ Uma abordagem nova e eficaz é prioridade urgente.

Neste sentido, proponho a criação de mecanismos de cooperação local para reduzir os danos climáticos e os efeitos dos desastres, com o reforço em regiões da Ásia e da África, em conjunto com medidas globais desenvolvidas no âmbito da CQNUMC.

Há três aspectos relevantes nas respostas aos danos dos distúrbios climáticos e outras calamidades: prevenção de catástrofes, socorro e recuperação. Não é incomum que ajuda de emergência seja prestada por outros países, mas a cooperação internacional nas outras duas áreas ainda tende à exceção. Mesmo quando há ajuda emergencial

abundante no rescaldo após o desastre, continua sendo extremamente difícil a recuperação do país e a prevenção contra os acidentes, contando apenas com seus próprios recursos. São urgentes mecanismos de assistência mútua com base nas lições aprendidas.

Atualmente, a ONU está empenhada na prevenção e resolução de conflitos, na construção da paz pós-conflito e na recuperação como processos integrados, sob a supervisão da Comissão das Nações Unidas para Consolidação da Paz. Da mesma forma, para atender às consequências dos desastres, o preparo, o socorro e a recuperação devem ser tratados como um processo único. Sugiro que os países vizinhos organizem um sistema capaz de responder a condições meteorológicas extremas e outras catástrofes.

Tais sistemas devem ser construídos levando em conta o relacionamento entre países vizinhos. A ajuda prestada logo após um desastre, a prevenção e a recuperação exigem uma colaboração articulada, facilitada pela proximidade geográfica, como acontece no compartilhamento de lições e conhecimentos sobre prevenção entre países expostos a ameaças semelhantes.

Isso por si só já seria um grande passo, mas cresceria de valor, em benefício de toda a região, se a cooperação entre países vizinhos em matéria de alterações climáticas e de desastres começasse a funcionar plenamente. A utilização do conhecimento desses países em questão de segurança seria uma grande contribuição.

Um relatório de março de 2013 divulgado na Conferência Internacional sobre Segurança Climática na Região Ásia-Pacífico, realizada em Seul, na Coreia, revelou que 110 países consideram que os efeitos das mudanças climáticas afetam a segurança nacional.⁴⁶ É importante mudança na avaliação. No passado, muitos governos viam as mudanças climáticas apenas como um fenômeno ambiental sem maior gravidade. Isto mudou nos últimos anos: numerosos governos enxergam agora a necessidade de considerá-los relacionados com a segurança.



APOIO Moradores de Bangcoc recebem ajuda humanitária logo após a enchente que assolou a região (Tailândia, nov. 2011)

Convém ressaltar que as medidas para melhorar a segurança, de acordo com essa nova percepção, não contribuem para o que se tem chamado de “dilema de segurança”, ciclo vicioso no qual os passos dados por um país para aumentar sua proteção são considerados pelos demais estados como ameaça e decidem tomar medidas semelhantes, o que só conduz a mais desconfiança.

Acima de tudo, a circunstância imprevisível do clima e dos desastres naturais e a sensação de vulnerabilidade provocam empatia e solidariedade além das fronteiras de cada nação. Vários países demonstram disposição de ajuda aos necessitados, enviando suas equipes de socorro.

Debati este ponto com o renomado Professor Kevin P. Clements, o estudioso inquieto da paz no mundo. Nossos países foram atingidos por terremotos na mesma época em 2011 — a Nova Zelân-

dia pelo terremoto de Christchurch e o Japão pelo terremoto de Tohoku. O Professor Clements descreveu a extraordinária cooperação internacional:

Ficou realçado o que todos nós sabemos no fundo do nosso coração: há uma humanidade comum que nos une, independentemente das nossas diferenças de nacionalidade, cultura e idioma. É uma pena que essa humanidade tantas vezes só seja valorizada em tempos de crise. É importante, portanto, manter o “espírito de desastre” mesmo em tempos normais.⁴⁷

De fato, com países vizinhos cooperando com assistência na recuperação, o espírito de ajuda mútua se torna a cultura da região.

O conhecimento e a tecnologia que facilitam a cooperação nessas áreas, de grande valia para

todas as partes, crescem quando repartidos. Contrasta com o sigilo que normalmente rodeia as tecnologias e informações militares. Quanto maior o número de países a dividir informações e tecnologias, maior a possibilidade de minimizar os danos, enfrentar melhor os efeitos de outros desastres e aumentar a segurança em toda a região.

Esta afirmação está de acordo com o conceito de “conhecimento como um bem público mundial”,⁴⁸ descrito pelo economista Joseph E. Stiglitz, citando as seguintes palavras de Thomas Jefferson (1743-1826), terceiro presidente dos Estados Unidos:

*Quem recebe uma ideia minha, se enriquece de conhecimento, sem diminuir o meu; como quem acende sua vela na minha, recebe luz e não me escurece.*⁴⁹

A capacidade de recuperar o que perdeu perante o desastre consiste de quatro elementos: robustez (força para suportar o estresse); superfluidade (sistema que permite substituição); desenvoltura (capacidade de mobilização de recursos); e rapidez (capacidade de identificar as prioridades para evitar mais perturbações e acelerar o processo de recuperação).

Devemos receber ideias de outras pessoas sobre estas questões sem desvalorizar, de modo algum, a capacidade delas. Vale a analogia de Thomas Jefferson.

Peço que a iniciativa desta cooperação local venha da Ásia, região severamente afetada por catástrofes. Seu modelo inspira ações solidárias de recuperação em outras regiões.

A base para isso já existe: o Fórum Regional da Ansea [Associação de Nações do Sudeste Asiático], que contou com a participação dos países que compõem a Ansea e também da China, Japão, Coreia do Norte e Coreia do Sul.

O Fórum Regional da Ansea criou um programa de debates sobre a eficiência da cooperação, para elevar a qualidade do socorro pós-desastre, uma de suas prioridades na área de segurança. Além disso, já realizou três exercícios de socorro,

Fórum Regional da Ansea

O Fórum Regional da Ansea [Associação de Nações do Sudeste Asiático] é fruto de acordos da 26ª Reunião Ministerial da Ansea e da Pós-Conferência Ministerial, realizada em Cingapura entre 23 e 25 de julho, em 1993. A reunião de abertura do Fórum foi em Bangcoc, em 25 de julho de 1999. Suas metas são a promoção de diálogos construtivos e consultas sobre questões políticas e de segurança de interesse comum, contribuição significativa na criação de confiança e diplomacia preventiva na região da Ásia-Pacífico.

Os atuais integrantes do Fórum são: Austrália, Bangladesh, Brunei Darussalam, Camboja, Canadá, China, União Europeia, Índia, Indonésia, Japão, Laos, Malásia, Mongólia, Mianmar, Nova Zelândia, Coreia do Norte, Paquistão, Papua Nova Guiné, Filipinas, Rússia, Cingapura, Coreia do Sul, Sri Lanka, Tailândia, Timor Leste, Estados Unidos e Vietnã.

ações coordenadas entre civis e militares, provendo remédios, saneamento e água, vindos de outros países.

Em seu livro, *Jinsei Chirigaku* [Geografia da Vida Humana], editado em 1903, Tsunesaburo Makiguchi propõe a transformação da corrida militar, na qual ninguém sai ganhando, em “competição humanitária”. Os exercícios realizados pelo Fórum Regional da Ansea prenunciam justamente esta transição.

Numa era dominada pelo imperialismo e pelo colonialismo, Makiguchi chamou a atenção para a mudança da esfera de competição entre os Estados, da esfera militar para a política e consequentemente para a econômica. Ele clamou pelo abandono desses modelos de competição, que pretendem garantir a própria prosperidade à custa dos outros. E defende, em vez disso, que os Esta-

SEIKYO SHIMBUN



UNIÃO Jovens da SGI mobilizam-se para ajudar as vítimas do terremoto e tsunami de Tohoku, no Japão (mar. 2011)

dos canalizem esforços para alcançar objetivos de “competição humanitária”.

Makiguchi explorou a possibilidade de uma transformação qualitativa do militarismo para a competição política e econômica, a mudança para uma “consciência comprometida com a coletividade”, na qual se escolhe “fazer coisas para o bem dos outros, porque o benefício dos outros recai em nosso próprio benefício”. Ele demonstrou sua esperança na humanidade: “O importante é deixar de lado as motivações egoístas, cuidando de proteger e melhorar a sua vida e a dos outros”.⁵⁰

Mais de um século depois destas suas reflexões, os exercícios de solidariedade que ele descreve podem ser vistos como oportunidade para que cada Estado faça uma transformação qualitativa na natureza da competição militar.

Países que trabalham unidos eliminam a desconfiança e o rancor de um com o outro e, neste

processo, desenvolvem ações colaborativas que se estendem além das operações de recuperação. Para que isso ocorra, proponho um acordo para resiliência na Ásia, aproveitando a experiência do Fórum Regional da Ansea.

Importante caminho para a prevenção de catástrofes é o intercâmbio de vida a vida e a cooperação entre os órgãos governamentais em vários países com acordos entre cidades-irmãs. Que Japão, China e Coreia do Sul se fortaleçam mutuamente na prática dessas relações entre cidades-irmãs.

Atualmente, existem 354 acordos entre cidades-irmãs do Japão e da China, 151 entre cidades do Japão e da Coreia do Sul e 149 entre municípios da China e da Coreia do Sul. Além disso, o Fórum Trilateral reúne anualmente Japão, China e Coreia do Sul, desde 1999, para promover esse tipo de interação.

Os laços de amizade e de confiança ganham mais valor com a ajuda de todos ao crescimento da resiliência, que inclui a prevenção e o cuidado às vítimas dos desastres. Os jovens devem assumir a liderança dessas ações. Trocas e cooperação entre cidades-irmãs evoluem para a conexão de cidades além das fronteiras de cada país, criando espaços de convivência pacífica em toda a região.

Se formos incapazes do sincero esforço para cultivar relações amistosas com nossos vizinhos, como poderemos contribuir para a paz mundial? O espírito de ajuda mútua deve ser a base das relações do dia a dia entre países vizinhos.

Peço veementemente a organização de uma cúpula entre Japão, China e Coreia do Sul, o mais breve possível, para iniciar um diálogo sobre essa espécie de cooperação. O ideal seria a inclusão da cooperação para solução de problemas ambientais de acordo com os termos da Proposta de Paz 2013. A Terceira Conferência Mundial da ONU sobre a Redução de Risco de Desastres, a ser realizada em Sendai, no Japão, em março de 2015, deve impulsionar novas formas de cooperação.

Ao aceitar esse desafio, teremos a oportunidade de gerar novas ondas de criação de valores — não só na Ásia, mas em todo o planeta.



LEMBRANÇA Pássaros de dobraduras confeccionados por crianças japonesas em memória das crianças vítimas das bombas atômicas (Hiroshima, 27 out. 2013)

POR UM MUNDO LIVRE DAS ARMAS NUCLEARES

O terceiro tema que a minha perseverança obriga a tratar é a proibição e eliminação das armas abomináveis.

Embora seja possível diminuir o impacto das catástrofes naturais, como tremores de terra e *tsunamis*, é impossível evitar a sua ocorrência. Ocorre exatamente o contrário com a ameaça dessas armas maléficas cuja utilização causaria devastação incomparavelmente maiores que as catástrofes naturais e que só podem ser evitadas e até mesmo eliminadas por vontade política dos governantes.

Em agosto do ano passado, armas químicas foram usadas na Síria, causando numerosas mortes de civis. O ato foi condenado pela comunidade internacional, o Conselho de Segurança da ONU foi incisivo: “Nenhum grupo na Síria deve usar, de-

envolver, produzir, adquirir, armazenar, conservar ou transferir armas químicas”,⁵¹ e determinou a imediata destruição de quaisquer armas deste tipo no país.

O uso dessas armas renovou a consciência das pessoas sobre a natureza desumana das que têm o poder de destruição em massa e o Conselho de Segurança reafirmou severamente o princípio de que a ninguém é permitido possuir ou utilizar armas químicas.

É incompreensível porque esse mesmo princípio ainda não foi aplicado para as armas nucleares.

Em seu Parecer Consultivo sobre a Legalidade da Ameaça ou Uso de Armas Nucleares de 1996, o Tribunal Internacional de Justiça alertou:

*A destruição provocada pelas armas nucleares ultrapassa a dimensão do espaço e do tempo. Elas têm o potencial de aniquilar toda a civilização e todo o ecossistema do planeta.*⁵²

Iniciativa Estratégica de Defesa

Em 1983, o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan começou a desenvolver a Iniciativa de Defesa Estratégica, também conhecida por *Star Wars*, como um meio de combater a ameaça nuclear soviética. A ideia por trás dessa iniciativa era desenvolver tecnologias de defesa que pudessem proteger os Estados Unidos dos ataques de mísseis, destruindo-os durante o voo, antes de alcançarem o alvo. Embora a iniciativa nunca tenha sido implantada, ela pressionou a União Soviética a investir em contramedidas.

Enquanto Reagan considerava a iniciativa essencialmente de natureza defensiva, e até mesmo de compartilhamento de tecnologias, o secretário-geral Mikhail Gorbachev e a União Soviética a viam como um fator que desequilibrava a balança da dissuasão e, portanto, uma ameaça. A falta de consenso sobre a natureza dos testes dessa iniciativa, que seriam autorizados em um novo acordo, contribuiu para o colapso das negociações para a eliminação total das armas nucleares.

As consequências do uso das armas atômicas seriam incomparavelmente mais catastróficas do que as das armas químicas.

Por muitos anos, a lógica predominante da segurança na política internacional esmaeceu a vontade política de enfrentar e debater as consequências dessas armas para a vida dos habitantes da Terra. Ainda bem que o documento final da Conferência de Revisão de 2010 do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), ao expressar “profunda preocupação com as consequências catastróficas de qualquer forma de uso de armas nucleares”,⁵³ causou positiva mudança no tom do debate.

Em março do ano passado, realizou-se em Oslo, na Noruega, a Conferência sobre o Impacto das Armas Nucleares. Foi a primeira vez, em qua-

se sete décadas da era nuclear, que a comunidade internacional procurou reavaliar essas armas do ponto de vista da humanidade. Um dos principais objetivos da conferência foi avaliar cientificamente os impactos das bombas. Foi categórica esta reafirmação: “é improvável que qualquer órgão estatal ou internacional possa atender de forma adequada a urgência humanitária causada pela detonação de bombas nucleares e consiga dar assistência necessária às vítimas”.⁵⁴

Essas conclusões aumentam o número de governos pedindo que o impacto das armas nucleares sobre a humanidade seja o tema central de toda discussão sobre desarmamento e não proliferação nuclear. Desde maio de 2012 esses governos emitiram repetidas declarações conjuntas sobre esse assunto, e a quarta declaração de outubro do ano passado foi assinada por 125 países, entre eles o Japão e vários que compõem o chamado *guarda-chuva nuclear*.

Este movimento, resultante do impacto impiedoso do uso dessas armas, surgiu a partir do clamor de pessoas de todo o mundo, inclusive dos sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki, que faz tempo soltaram a voz desejando que ninguém jamais venha a experimentar o horror de uma guerra nuclear. É um avanço de grande significação que dois terços dos Estados-membros da ONU tenham confirmado, em declaração conjunta, que:

*É pela proteção da própria sobrevivência da humanidade que as armas nucleares jamais sejam usadas de novo, sob quaisquer circunstâncias. Os efeitos catastróficos de uma detonação de bombas nucleares, seja por acidente, erro de cálculo ou fabricação, não podem ser reparados.*⁵⁵

Na Conferência de Reykjavík, em 1986, o secretário-geral soviético Mikhail Gorbachev e o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan (1911-2004), discutiram francamente para chegar a um acordo sobre a completa abolição das armas nucleares, considerada a preocupação comum com

criação de valores humanos: A construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições

SEIKYO SHIMBUN



POR UM MUNDO LIVRE Exposição promovida pela SGI traz campanha pela abolição das armas nucleares

as desastrosas consequências de sua utilização. Mais tarde, refletindo sobre aquele momento, Gorbachev afirmou:

*Sem Chernobyl, Reykjavík não teria acontecido. Sem Reykjavík, as ações para o desarmamento nuclear não teriam avançado (...). Se não fomos capazes de lidar com a radiação vinda de um único reator nuclear, como conseguiremos lidar com a contaminação radioativa desencadeada por explosões nucleares em toda a União Soviética, os Estados Unidos e o Japão? Seria o fim de tudo.*⁵⁶

As conversações fracassaram. Os dois não superaram as diferenças quanto à Iniciativa Estratégica de Defesa. Contudo, apesar do insucesso do acordo sobre a eliminação total dos armamentos atômicos, o ex-presidente Reagan se antecipou:

*Sonho com um mundo sem armas nucleares. Quero nossos filhos e netos livres destas armas.*⁵⁷

No ano seguinte, 1987, foi assinado o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (Tratado INF), primeiro acordo bilateral entre os Estados Unidos e a União Soviética, abolindo uma classe de arma nuclear.

Em discurso de junho de 2013, em Berlim, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, resumiu adequadamente as condições atuais:

*Não podemos mais viver com medo da aniquilação global. Mas, enquanto existir armas nucleares, o mundo não está verdadeiramente seguro.*⁵⁸

A possibilidade de acidente com armamento nuclear, ataque desencadeado por desinformação

“Não quero mais ver a palavra ‘miséria’ usada para descrever o mundo, um país ou um indivíduo” Josei Toda

ou até mesmo terrorismo nuclear são preocupações constantes. Produziriam consequências devastadoras para a vida do planeta. Este perigo é agravado pelo aumento do número de países possuidores das armas.

Um exame das diferenças e semelhanças entre a situação atual e a Guerra Fria traz novas ideias para um mundo livre de armas nucleares.

Talvez a diferença principal seja a dificuldade, cada vez maior, de imaginar um conflito nuclear em grande escala, como se temia na Guerra Fria. Ao mesmo tempo, cresce a consciência da proibição do uso militar de armas nucleares em resposta a ameaças contemporâneas, como o terrorismo.

Em outras palavras, passamos de uma era em que o perigo surgia de um conflito para outra em que o perigo surge da mera existência de armas nucleares. O intenso confronto da Guerra Fria provocou uma sensação de crise, originando uma postura de dissuasão em que os dois lados se ameaçavam com o poder destruidor de seus arsenais. Hoje a simples existência dessas armas já causa insegurança, levando outros Estados a também fabricá-las. Os Estados poderosos se convencem da impossibilidade de abrir mão dos seus estoques.

A crise econômica mundial, iniciada há seis anos, abalou a equilíbrio fiscal de praticamente todos os governos. Ainda assim o custo mundial da manutenção desses armamentos é espantoso, US\$ 100 bilhões por ano.⁵⁹ A maioria das pessoas vê as armas nucleares como um pesado fardo às

finanças estatais e não como uma riqueza que aumenta o prestígio nacional. Importante fator para a redução da ameaça atômica.

Voltando às diferenças entre a época da Guerra Fria e a do presente, distingue-se uma realidade singular: nestes 68 anos dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, governante algum ousou um ataque nuclear.

Assim, é importante lembrar as palavras do presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman (1884-1972), proferidas em 1948, cerca de três anos depois de decidir usar a bomba atômica contra essas duas cidades japonesas:

É preciso compreender que esta não é uma arma militar (...). É usada para acabar com mulheres e crianças e pessoas desarmadas, e não para fins militares. Temos de tratá-la de forma diferente de rifles, canhões e outras armas comuns.⁶⁰

Quando fez esta declaração, Truman pedia contenção e reconhecia a responsabilidade dos Estados Unidos como nação detentora de armas aniquiladoras. No ano seguinte, a União Soviética fez seu primeiro teste nuclear bem-sucedido. Desde então, o mundo vive à sombra da doutrina da dissuasão nuclear.

A experiência da posse do “botão vermelho”, capaz de lançar um ataque devastador, gradual e imperceptível, fez com que várias gerações de líderes mundiais se conscientizassem de que as armas nucleares são diferentes dos outros armamentos, não são armas militares. O seu uso está suspenso.

No ano passado, uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas criou um grupo de trabalho para o desenvolvimento de negociações multilaterais visando ao desarmamento nuclear, e para a realização de um mundo sem armas atômicas. Numa reunião realizada em junho, o governo austríaco, que desempenhou papel fundamental para garantir a aprovação da resolução, apresentou um documento com o seguinte questionamento:

criação de valores humanos: A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO SOLIDÁRIO, CAPAZ DE SE RECUPERAR DE TANTAS AFLIÇÕES

Todos os Estados desejam um mundo livre de armas nucleares. No entanto, existem diferentes opiniões sobre o caminho mais seguro para a eliminação definitiva destas armas. Como superar estas diferenças de opinião? ⁶¹

A meu ver, existe, sim, o sentimento de que se acabem as diferenças entre as visões dos signatários de declarações conjuntas sobre o uso de armas nucleares. E por outro lado, os líderes que, como declarou a seu tempo o presidente Truman, são forçados a contar com elas para garantia da segurança nacional, mesmo conscientes de que são fundamentalmente diferentes de outros armamentos. Trata-se do desejo de jamais testemunharmos ou vivermos os efeitos avassaladores das armas atômicas.

Em setembro de 1957, a corrida armamentista nuclear a todo vapor, meu mestre Josei Toda pediu a abolição das armas nucleares, denunciando-as como ameaça inadmissível ao direito à vida:

Não quero mais ver a palavra “miséria” usada para descrever o mundo, um país ou um indivíduo. ⁶²

Alguns líderes questionam o termo “sob quaisquer circunstâncias”, usado na declaração conjunta. Consideram que restringem as opções militares necessárias aos objetivos de segurança nacional. Sugerem eliminar “sob quaisquer circunstâncias” e afirmar a esperança de que nenhum ser humano sofra as suas consequências catastróficas — a ênfase nas vítimas, individualmente, reduziria o impulso de criar exceções que justificassem o seu uso.

As armas nucleares, com o poder de aniquilar populações desarmadas, estão do outro lado de uma fronteira que não deve ser cruzada. Conforme Josei Toda denunciou, veemente, é inadmissível infligir essa desgraça a qualquer ser humano. O reconhecimento desta certeza é a chave que enterra a ideia do uso dessas armas para garantir a segurança nacional.

SEIKYO SHIMBUN



DIREITO À VIDA Josei Toda profere a Declaração pela Abolição das Armas Nucleares, no estádio de Mitsuzawa, em Yokohama (Japão, 8 set. 1957)

Já propus várias vezes, a realização em Hiroshima e Nagasaki de uma cúpula pela abolição nuclear, em 2015, ano que marca os 70 anos dos perversos bombardeios das cidades. Na reunião, que traria pessoas de todo o mundo, de qualquer nacionalidade ou posição política, seria assumido um compromisso unânime, com medidas que nos levariam a um mundo livre de armas nucleares.

Espero que os representantes dos países que assinaram a declaração conjunta da sociedade civil e, sobretudo os jovens cidadãos de todo o mundo, incluindo os de Estados detentores de armas nucleares, se reúnam numa cúpula mundial de jovens pela abolição destas armas malignas, para aprovação de um documento que confirme o compromisso de todos pelo fim da era nuclear. A realização da cúpula e a assinatura do documento plantariam coragem para ações efetivas no futuro.



MUNDO SOLIDÁRIO

Memorial da Paz de Hiroshima.
O hipocentro da explosão atômica de 6 de agosto de 1945 situou-se a apenas 150 metros de distância deste edifício

ACORDO PARA A NÃO UTILIZAÇÃO DE ARMAS NUCLEARES

Tenho duas propostas concretas.

A primeira é um acordo de não utilização de armas nucleares, resultado natural do debate sobre os seus efeitos catastróficos, tema central das deliberações da Conferência de Revisão do TNP 2015, também um modo de ampliar a aplicação do artigo 6º do TNP, que conduz os Estados possuidores dessas armas a assumir de boa-fé o compromisso com o desarmamento nuclear.

A partir da decisão de 1995 de estender indefinidamente o TNP, cresceu a necessidade de um instrumento juridicamente vinculativo que garanta: os Estados não possuidores de armas nucleares não serão atacados. Um acordo de não utilização de armas nucleares, assinado por Estados que possuem essas armas, no qual se comprometem de acordo com o TNP, a não utilizá-las contra os

“Este é o momento em que os Estados possuidores de armas nucleares mostrem vontade política para apoiar e cumprir as obrigações previstas em toda a sistemática do TNP, na forma de um acordo de não utilização”

Estados signatários deste Tratado, seria uma resposta a essa necessidade.

O acordo reduziria a instabilidade produzida pela existência dessas armas em diferentes regiões. Poderia contribuir para a redução do papel delas nas estratégias de segurança nacional.

CRIAÇÃO DE VALORES HUMANOS: A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO SOLIDÁRIO, CAPAZ DE SE RECUPERAR DE TANTAS AFLIÇÕES

O documento final da Conferência de Revisão do TNP de 2010, depois de enumerar medidas que devem ser tomadas pelos Estados possuidores de armas nucleares, sugere que todos apresentem um relatório à reunião da Comissão Preparatória 2014 e observa que a Conferência de Revisão do TNP 2015 “fará um balanço e fixará os próximos passos para a plena aplicação do artigo 6º”.⁶³

Entre outras providências, o documento pede aos Estados possuidores destas armas que considerem a redução da importância delas nas estratégias de segurança nacional. Um acordo sobre a não utilização de armas nucleares, com a participação dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, certamente representaria contribuição relevante nessa questão.

A Cúpula do G8 de 2016 está programada para ser realizada no Japão. Uma cúpula ampliada por um mundo livre de armas nucleares poderia agregar-se a ela, seria uma união de forças, propícia para a promessa pública de imediata assinatura desse acordo.

Na Conferência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), realizada há dois anos, os líderes dos países participantes expressaram unânimes: “As circunstâncias em que qualquer uso de armas nucleares seja contemplado são extremamente improváveis”.⁶⁴ Demonstra o crescimento da consciência da desnecessidade da utilização dessas armas.

Este é o momento em que os Estados possuidores de armas nucleares mostrem vontade política para apoiar e cumprir as obrigações previstas em toda a sistemática do TNP, na forma de um acordo de não utilização.

No fim da década de 1960, o secretário britânico de Defesa, Denis Healy, fez uma análise da ameaça nuclear durante a Guerra Fria: Calculou que apenas 5% confiava na certeza de que uma retaliação americana deteria um ataque nuclear soviético, mas 95% acreditava que era para tranquilizar os Estados europeus.⁶⁵ Concluiu que as políticas dos países que contam com o *guarda-chuva nuclear* de seus aliados têm sido fator im-

SEIKYO SHIMBUN



SEGURANÇA MUNDIAL

A Segunda Conferência sobre o Impacto de Armas Nucleares reforçou o caráter ilegítimo e desumanitário desses armamentos (México, fev. 2014)

portante para sustentar o atual nível excessivo de armamento nuclear.

Um acordo de não utilização teria mais força para a proteção física e psicológica de tais Estados, abrindo caminhos para novas medidas de segurança sem o uso de armas nucleares. Regiões como o nordeste da Ásia e do Oriente Médio, atualmente sem cobertura de zonas livres do perigo nuclear, estariam protegidas pelo acordo de não utilização para se declarar “zonas de não utilização de armas nucleares”, um passo para que se tornem zonas livres.

Mesmo sob o *guarda-chuva nuclear* dos Estados Unidos, o Japão assinou recentemente uma declaração conjunta sobre as consequências das explosões atômicas para a humanidade. Minha forte esperança é que o Japão reencontrará sua motivação original como país que sofreu a tragédia do bombardeio e se aliará a outras nações, assumindo a liderança para a formulação do acordo de não utilização e, finalmente, de “zonas de não utilização”.



CONVIVÊNCIA PACÍFICA

Escultura “Dama da Paz”, presente da China para o Parque da Paz de Nagasaki, expressa a sincera aspiração por um mundo de paz

ESTRATÉGIAS PARA A PROIBIÇÃO DE ARMAS NUCLEARES

Minha segunda proposta específica é utilizarmos o processo das declarações conjuntas sobre o terrível impacto das armas nucleares para a humanidade para comover a opinião pública internacional e acelerar as negociações para a sua abolição total. É preciso que essas ações sejam simultâneas aos esforços do TNP, servindo à sua missão.

Há dois anos, em outra Proposta de Paz, desenvolvi a possibilidade de uma abordagem em duas fases: a primeira seria a proibição de armas nucleares, a segunda, a sua abolição.

Poderia assumir a forma de um tratado que expressasse o compromisso, elaborado à luz das consequências do uso de armas atômicas, de futura renúncia à dependência desses armamentos como garantia de segurança, acompanhado de protocolos separados e rigorosos, para a entrada

“Os membros da SGI estão determinados a seguir fazendo a sua parte trabalhando para eliminar as armas nucleares e outras causas de sofrimento humano da face da Terra”

em vigor do tratado, definição de regimes de proibição e verificação concreta de cumprimento.

Uma abordagem dessa natureza pode significar que leve tempo a entrada em vigor de protocolos, o tratado já expressaria a clara vontade da comunidade internacional de que armas nucleares não terão mais lugar no nosso mundo. Tal declaração, a meu ver, abriria o caminho para acabar, de uma vez por todas, com a era dessas armas malditas.

Neste contexto, gostaria de sugerir que a fórmula adotada no caso do Tratado para a Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT), que só entrará em vigor quando uma série de condições rigorosas for integralmente cumprida, sirva de modelo para os protocolos de um tratado de proibição nuclear. Seria de grande significação, a finalidade de um tratado não é sancionar ou punir o uso de armas nucleares, mas sim convencer da sua proibição e universalizar as normas.

Além dos 125 países que assinaram a declaração conjunta, acredito que haja uma série de governos que compartilham da mesma preocupação. Contudo, a sua política de segurança dificulta a aceitação da proibição. Para estes países, a inclusão num regime básico de garantias institucionais, como venho sugerindo, serviria para aliviar essas precauções e reduzir os empecilhos para que mais países assinem e ratifiquem um tratado de proibição nuclear.

É importante lembrar que, mesmo indispensável, um acordo de não utilização é apenas a base do objetivo final — a proibição e a abolição dessas armas malignas. Objetivo que só se concretiza



FUTURO Participantes da atividade comemorativa do aniversário da Divisão dos Estudantes da BSGI (Centro Cultural Campestre, abr. 2014)

com empenhos constantes, motivados pelas vozes da sociedade civil planetária.

A propósito, será decisivo o período de fevereiro deste ano — abre-se no México a Segunda Conferência sobre o Impacto de Armas Nucleares — até agosto de 2015, o septuagésimo aniversário dos bombardeios em Hiroshima e Nagasaki.

Durante esse tempo crucial, a SGI seguirá firme no seu apoio à Campanha Internacional para Abolir as Armas Nucleares (Ican) e outros movimentos, com o intuito constante de amplificar as vozes dos cidadãos do mundo — especialmente da juventude — num brado de amor por um mundo livre de armas nucleares.

Em abril do ano passado, os jovens da SGI fizeram uma pesquisa pública com jovens de nove países sobre as consequências das armas atômicas. Os resultados, encaminhados para Cornel Feruta, presidente da Comissão Preparatória da Conferência de Revisão do TNP, mostraram que 90% dos pesquisados consideraram as armas nucleares desumanas e cerca de 80% apoiam um tratado de proibição.⁶⁶

Um mundo livre de armas nucleares não significa apenas a eliminação da terrível fonte de pa-

vor humano. Trata-se, sobretudo, de um processo pelo qual as próprias pessoas, com a sua vida, assumem o desafio da construção de uma era de paz e convivência criadora. É a condição indispensável para a existência de uma sociedade humana solidária, na qual todas as pessoas e, acima de tudo, as gerações futuras, desfrutem plenamente a dignidade inerente ao ser humano.

Se pensarmos nisto como um trabalho de criação de valores graças ao esforço de pessoas do século 21, saberemos que o papel principal deve ser vivido pelos jovens do mundo. Quando os moços, que carregam as esperanças e os fardos da era vindoura, se unirem com a determinação de que a humanidade e as armas nucleares não podem coexistir e que ninguém nunca mais padecerá os seus horrores, então não haverá obstáculo que não possa ser vencido.

Os membros da SGI estão determinados a seguir fazendo a sua parte trabalhando para eliminar as armas nucleares e outras causas de sofrimento humano da face da Terra e a se empenhar para criar valores, trabalhando com os jovens do mundo e todos aqueles comprometidos com a esperança de um futuro de paz.

Notas

1. Associated Press, *Toll of Syria's devastation* [Balanço da Devastação na Síria].
2. NDRRC, *NDRRC Update* [Boletim NDRRC], p. 1.
3. Zolli e Healy, *Resilience* [Resiliência], p. 19-20.
4. Toynbee, *Civilization on Trial* [A Civilização Posta à Prova], p. 45.
5. Departamento de Informações Públicas da ONU, *Malala, at Youth Takeover Event* [Malala em Evento da ONU].
6. Cf. Frankl, *Kuno suru ningen* [A Humanidade Sofredora], p. 137.
7. Cf. Frankl, *On the Theory and Therapy of Mental Disorders* [Teoria e Terapia dos Transtornos Mentais], p. 10.
8. Cf. Makiguchi, *Makiguchi Tsunesaburo zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi], v.5, p. 373.
9. Mandela, *Conversations with Myself* [Conversas comigo Mesmo], p. 177.
10. Mandela, *Long Walk to Freedom* [Longo Caminho para a Liberdade], p. 431.
11. *Ibidem*, p. 539-540.
12. Nichiren, *The Writings of Nichiren Daishonin* [Os Escritos de Nichiren Daishonin], v.1, p. 579.
13. *Ibidem*, v.2, p. 465.
14. *Ibidem*, v.1, p. 1108.
15. *Ibidem*, v.1, p. 4.
16. Traduzido por Watson, *The Lotus Sutra* [Sutra do Lótus], p. 328.
17. (Traduzido de) Nichiren, *Nichiren Daishonin gosho zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin], p. 773.
18. Mandela, *Long Walk to Freedom* [Longo Caminho para a Liberdade], p. 288.
19. Maathai, *Nobel Lecture* [Palestra no Instituto Nobel].
20. (Traduzido de) Seikyo Shimbun, "Kokure o jiku ni tairitsu kara taiwa e" [Do Conflito ao Diálogo - O Eixo das Nações Unidas], p. 1.
21. (Traduzido de) Nichiren, *Nichiren Daishonin gosho zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin], p. 1086.
22. Zolli e Healy, *Resilience* [Resiliência], p. 20.
23. Cf. Latouche, *Pour sortir de la société de consommation* [Pelo Fim da Sociedade de Consumo], p. 74-76.
24. (Traduzido de) Nichiren, *Nichiren Daishonin gosho zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin], p. 761.
25. King, *The Trumpet of Conscience* [Um Apelo à Consciência], p. 69.
26. Solnit, *A Paradise Built in Hell* [Um Paraíso Construído no Inferno], p. 10.
27. (Traduzido de) Solnit, *Saigai to bunmei* [Civilização e Desastre], p. 7.
28. Citado em Lindand Thelin, *The Adventure of Peace* [A Aventura da Paz], p. 99.
29. (Traduzido de) Nichiren, *Nichiren Daishonin gosho zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin], p. 1598.
30. Clark, *Volunteering Changes Our World for the Better* [O Voluntariado Muda nosso Mundo para Melhor].
31. Cf. Wright, *A Study of War* [Um Estudo sobre a Guerra], p. 1541-1543.
32. Spender, *The God That Failed* [O Deus que Falhou], p. 253-254.
33. Bok, *A Strategy for Peace* [Estratégia para a paz], p. 9.
34. Mandela, *Long Walk to Freedom* [Longo Caminho para a Liberdade], p. 541.
35. Nichiren, *The Writings of Nichiren Daishonin* [Os Escritos de Nichiren Daishonin], v.1, p. 1003.
36. (Traduzido de) Ikeda e Radhakrishnan, *Jindo no seiki e* [Século da Humanidade], p. 184.
37. Gandhi, *The Collected Works* [Obras Completas], v.76, p. 312.

38. Cf. Vide Gandhi, *From Yeravda Mandir* [De Yeravda Mandir], p. 6.
39. King Jr., *Why We Can't Wait* [Por que Não Podemos Esperar], p. 73-75.
40. Mandela, *Conversations with Myself* [Conversas Comigo Mesmo], p. 182.
41. FPNU, *Additional Investments in Youth Needed as World Population Tops 7 Billion* [Investimentos Adicionais Necessários aos Jovens diante de uma População Mundial de 7 Bilhões de Pessoas].
42. OIT, *Growth and Employment, Key to the Post-2015 Development Agenda* [Crescimento e Emprego, Chave para a Agenda de Desenvolvimento Pós-2015].
43. OMM, *2001-2010, A Decade of Climate Extremes* [2001-2010, Década de Fenômenos Climáticos Extremos].
44. IPCC, *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation* [Gerenciamento dos Riscos de Eventos Climáticos Extremos e Desastres Visando a Adaptação às Alterações Climáticas], p. 269.
45. Instituto Universitário da ONU, *Loss and Damage from Climate Change Is Already Happening, Says UNU Report* [Perdas e Danos das Mudanças Climáticas Já Estão Ocorrendo, Diz Relatório do Instituto Universitário da ONU].
46. Holland e Vagg, *The Global Security Defense Index on Climate Change* [Índice de Segurança Global sobre Mudanças Climáticas], p. 1.
47. Cartas Pessoais entre Ikeda e Clements.
48. Stiglitz, *Knowledge as a Global Public Good* [O Conhecimento como um Bem Público Mundial], p. 308.
49. Jefferson, *The Writings of Thomas Jefferson* [Os Escritos de Thomas Jefferson], v.6, p. 180.
50. (Traduzido de) Makiguchi, *Makiguchi Tsunesaburo zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi], v.2, p. 399.
51. Resolução nº 2118 (2013), p. 2, do Conselho de Segurança da ONU.
52. CIJ, *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons* [Legalidade da Ameaça ou Uso de Armas Nucleares], p. 243.
53. Assembleia Geral da ONU, Conferência Revisão de 2010, p. 19.
54. Ministério Norueguês das Relações Exteriores, *Conference: Humanitarian Impact of Nuclear Weapons* [Conferência sobre o Impacto Humanitário das Armas Nucleares].
55. Assembleia Geral da ONU, *Joint Statement on the Humanitarian Consequences of Nuclear Weapons* [Declaração Conjunta sobre as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares], p. 2.
56. (Traduzido de) Yoshida, *Kaku no Amerika* [Os Estados Unidos das Armas Nucleares], p. 145.
57. Citado em Leffler, *For the Soul of Mankind* [Para a Alma da Humanidade], p. 388.
58. Obama, *Remarks* [Observações].
59. Jaura, *Challenges Remain But Good News for Nuclear Disarmament* [Os Desafios Permanecem Apesar das Boas Notícias sobre o Desarmamento Nuclear].
60. Citado em Lilienthal, *The Journals of David E. Lilienthal* [Os Diários de David E. Lilienthal], v.2, p. 391.
61. Assembleia Geral da ONU, *An Exploration of Some Contributions* [Uma Exploração sobre Algumas Contribuições], p. 1.
62. (Traduzido de) Toda, *Toda Josei zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda], v.3, p. 290.
63. Assembleia Geral da ONU, Conferência Revisão de 2010, p. 21.
64. OTAN, *Deterrence and Defence Posture Review* [Revisão de Postura de Dissuasão e Defesa].
65. Cf. Healey, *The Time of My Life* [A Época da Minha Vida], p. 243.
66. Pesquisa da SGI.

Bibliografia

- Assembleia Geral da ONU em 2010. *Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares: Documento Final*, Nova York, v.1. Disponível em: <http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=NPT/CONF.2010/50>, v.1. Acesso em: 26 jan. 2014.
- _____, _____. (2013). *Joint Statement on the Humanitarian Consequences of Nuclear Weapons* [Declaração Conjunta sobre as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares]. Disponível em: <[http://www.un.org/disarmament/special/meetings/firstcommittee/68/pdfs/TD_21-Oct_CL-1_New_Zealand-\(Joint_St\)](http://www.un.org/disarmament/special/meetings/firstcommittee/68/pdfs/TD_21-Oct_CL-1_New_Zealand-(Joint_St))>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- _____, _____. (2013). *An Exploration of Some Contributions That Also Non-nuclear Weapon States Could Engage in to Take Multilateral Nuclear Disarmament Forward* [Uma Exploração sobre Algumas Contribuições que os Estados Desnuclearizados Poderiam Desenvolver com Vistas a um Exame Multilateral sobre Desarmamento Nuclear]. Documento de trabalho. A/AC.281/WP.5. 28 de junho. Genebra. Disponível em: <[http://www.unog.ch/80256EDD006B8954/\(httpAssets\)/49A1EF0911CBF2DCC1257BAC00391485/\\$file/A_AC.281_WP.5+A.pdf](http://www.unog.ch/80256EDD006B8954/(httpAssets)/49A1EF0911CBF2DCC1257BAC00391485/$file/A_AC.281_WP.5+A.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2014.

- _____. Conselho de Segurança da ONU. Resolução 2118 de 2013. S/RES/2118 (2013). Adotada pelo Conselho de Segurança na 7038ª Reunião. 27 de setembro. Disponível em: <http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s_res_2118.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- Associated Press. (2014). *Toll of Syria's devastation: The war in numbers* [Balanço da Devastação na Síria: A Guerra em Números]. The Washington Post. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/world/middle-east/toll-of-syrias-devastation-the-war-in-numbers%20/2014/01/24/8e2d3b7e-850c-11e3-a273-6ffd9cf9f4ba_story.html>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- BOK, Sissela. *A Strategy for Peace: Human Values and the Threat of War* [Estratégia para a Paz: Valores Humanos e Perigo de Guerra]. Nova York: Pantheon Books, 1989.
- CGRRD (Conselho Gestor de Redução do Risco de Desastres). (Filipinas, 2014). *NDRRC Update: SitRep No. 92 Effects of Typhoon "Yolanda"* [Atualização no 92: Os Efeitos do Tufão "Haiyan"]. 14 de janeiro. Disponível em: <<http://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/NDRRC%20Update%20re%20sit%20rep%2092%20Effects%20>>

- of%20%20TY%20%20YOLANDA.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- CIJ (Corte Internacional de Justiça). (1996). *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons, Advisory Opinion, I.C.J. Reports* [Legalidade da Ameaça ou Uso de Armas Nucleares, Opinião Consultiva, Relatórios da CIJ]. Disponível em: <<http://www.icj-cij.org/docket/files/95/7495.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- CLARK, Helen. (2011). *Volunteering Changes Our World for the Better* [O Voluntariado Muda o nosso Mundo para Melhor]. Disponível em: <<http://www.undp.org/content/undp/en/home/ourperspective/ourperspectivearticles/2011/12/02/volunteering-changes-our-world-for-the-better-helen-clark.html>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- Departamento de Informações Públicas da ONU. (2013). (Em 12 de julho de 2013, em seu discurso, Malala disse: “A debilidade, o medo e a desesperança morreram depois da tentativa de assassinato; a força, o poder e a coragem nasceram”). Evento Especial sobre Educação Global. Nova York. Disponível em: <<http://www.un.org/News/Press/docs/2013/dev3009.doc.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- FPNU (Fundo de Populações das Nações Unidas). (2011). *Additional Investments in Youth Needed as World Population Tops 7 Billion* [Investimentos Adicionais Necessários aos Jovens diante de uma População Mundial de 7 Bilhões de Pessoas]. Pesquisa do FPNU. 26 de outubro. Disponível em: <<http://unfpa.org/public/home/news/pid/8709>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- FRANKL, Viktor E. *On the Theory and Therapy of Mental Disorders: An Introduction to Logotherapy and Existential Analysis*. Traduzido por James M. Dubois. Nova York e Hove: Taylor & Francis Books, 2004.
- _____. *Kuno suru ningen* [A Humanidade Sofredora]. Traduzido por Kunio Yamada e Mika Matsuda. Tóquio: Shunjuha, 2004.
- GANDHI, Mahatma. *From Yeravda Mandir* [De Yeravda Mandir]. Ahmedabad: Navajivan Publishing House, 1945.
- _____. *The Collected Works of Mahatma Gandhi*, 100 vols. [As Obras Completas de Mahatma Gandhi, 100 volumes]. Nova Deli: Divisão de Publicações, Ministério da Informação e Radiodifusão, Governo da Índia, 1959-1998.
- HEALEY, Denis. *The Time of My Life* [A Época da minha Vida]. London: Michael Joseph, 1989.
- HOLLAND, Andrew; VAGG, Xander. (2013). *The Global Security Defense Index on Climate Change: National Security Perspectives on Climate Change from Around the World* [Índice de Segurança de Defesa Global sobre Mudanças Climáticas: Perspectivas de Segurança Nacional sobre Mudança do Clima de Todo o Mundo]. Resultados Preliminares. 21 de março. Disponível em: <<http://americansecurityproject.org/ASP%20Reports/Ref%200121%20-%20Global%20Security%20Defense%20Index%20P-Results.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- IKEDA, Daisaku; RADHAKRISHNAN, Neelakanta. *Jindo no seiki e - Ganji to Indo no tet-sugaku o kataru* [Século da Humanidade: Explorando Gandhi e os Filósofos da Índia]. Tóquio: Daisanbunmei-sha, 2009.
- Instituto Universitário da ONU. (2013). *Loss and Damage from Climate Change Is Already Happening: UNU Report News* [Perdas e Danos das Mudanças Climáticas Já Estão Ocorrendo: Relatório do Instituto Universitário da ONU]. 13 de novembro. Disponível em: <<http://unu.edu/news/news/loss-and-damage-from-climate-change-already-happening.html#info>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas). *Managing the Risks of Extreme Events and Disasters to Advance Climate Change Adaptation. A Special Report of Working Groups I and II of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [Gerenciando os Riscos de Eventos Extremos e Desastres para o Avanço da Adaptação às Mudanças Climáticas. Um Relatório Especial de Grupos de Trabalho I e II do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima]. Editado por: C. B. Field, V. Barros, T. F. Stocker, D. Qin, D. J. Dokken, K. L. Ebi, M. D. Mastrandrea, K. J. Mach, G.-K. Plattner, S. K. Allen, M. Tignor e P. M. Midgley. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 2012.
- JAURA, Ramesh. (2013). *Challenges Remain But Good News for Nuclear Disarmament* [Os Desafios Permanecem Apesar das Boas Notícias sobre o Desarmamento Nuclear]. IDN-IndepthNews. 28 de outubro. Disponível em: <<http://www.indepthnews.info/index.php/global-issues/1860-challenges-remain-but-good-news-for-nuclear-disarmament>>. Acesso em: 25 jan. 2014.
- JEFFERSON, Thomas. *The Writings of Thomas Jefferson* [Os Escritos de Thomas Jefferson]. Editado por Henry Augustine Washington, em 9 volumes. Nova York: H. W. Derby, 1861.
- KING JR., Martin L. *The Trumpet of Conscience* [Um Apelo à Consciência]. Nova York: Harper & Row, 1967.
- _____. *Why We Can't Wait* [Por que Não Podemos Esperar]. Nova York: Signet Classic, 2000.
- LATOUCHE, Serge. *Pour sortir de la société de consommation: Voix et voies de la décroissance* [Pelo Fim da Sociedade de Consumo: Vozes e Meios do Decrescimento]. Brignon: Les Liens Qui Liberent, 2010.
- LEFFLER, Melvyn P. *For the Soul of Mankind: The United States, the Soviet Union, and the Cold War* [Para a Alma da Humanidade: os Estados Unidos, a União Soviética e da Guerra Fria]. Nova York: Hill and Wang, 2007.
- LILIENTHAL, David E. *The Journals of David E. Lilienthal*. Editado por Helen M. Lilienthal em 7 volumes. New York: Harper & Row, 1964-1983.
- LIND, Per; THELIN, Bengt. *Nature and Culture: Two Necessities of Life* [Natureza e Cultura: Duas Necessidades da Vida]. In: Ask, Sten and Anna Mark-Jungkvist. *The Adventure of Peace: Dag Hammarskjöld and the Future of the UN* [A Aventura da Paz: Dag Hammarskjöld e o Futuro das Nações Unidas]. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MAATHAI, Wangari. *Nobel Lecture* [Palestra no Instituto Nobel], em 10 de dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/peace/laureates/2004/maathai-lecture-text.html>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- MAKIGUCHI, Tsunesaburo. *Makiguchi Tsunesaburo Zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi]. 10 volumes. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1997.
- MANDELA, Nelson. *Long Walk to Freedom: The Autobiography of Nelson Mandela* [Longo Caminho para a Liberdade: Autobiografia de Nelson Mandela]. Boston, Nova York, Toronto e Londres: Little, Brown and Company, 1994.
- _____. *Conversations with Myself* [Conversas comigo Mesmo]. Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 2010.
- Ministério Norueguês das Relações Exteriores. (2013). *Conference: Humanitarian Impact of Nuclear Weapons* [Conferência sobre o Impacto Humanitário das Armas Nucleares]. Disponível em: <http://www.regjeringen.no/en/dep/ud/selected-topics/humanitarian-efforts/humimpact_2013.html?id=708603>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- NICHIREN. *Nichiren Daishonin goshu zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin]. Editado por Nichiko Hori. Tóquio: Soka Gakkai, 1952.
- _____. *The Writings of Nichiren Daishonin* [Os Escritos de Nichiren Daishonin]. 2 volumes. Editado e traduzido por The Goshu Translation Committee. Tóquio: Soka Gakkai, 1999-2006.
- OBAMA, Barack. (2013). *Remarks by President Obama at the Brandenburg Gate-Berlin, Germany* [Discurso do Presidente Obama no Portão de Brandemburgo, Berlim]. 19 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2013/06/19/remarks-president-obama-brandenburg-gate-berlin-germany>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- OIT (Organização Internacional do Trabalho). (2013). *Growth and Employment, Key to the Post-2015 Development Agenda* [Crescimento e Emprego, Chave para a Agenda de Desenvolvimento Pós-2015]. Disponível em: <http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/media-centre/press-releases/WCMS_222713/lang-en/index.htm>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- OMM (Organização Meteorológica Mundial). (2013). 2001-2010, *A Decade of Climate Extremes* [2001-2010, Década de Fenômenos Climáticos Extremos]. Disponível em: <http://www.wmo.int/pages/mediacentre/press_releases/pr_976_en.html>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). *Deterrence and Defence Posture Review* [Revisão de Postura de Dissuasão e Defesa]. Press Release. 20 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_87597.htm?mode=pressrelease>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- Seikyo Shimbun. (1989). *Kokuren o jiku ni tairitsu kara taiwa e* [Do Conflito ao Diálogo - O Eixo das Nações Unidas]. Publicado em: 6 dez. 1989.
- SGL (Soka Gakkai Internacional). (2013). *Survey: International Survey by SGI Youth Shows 91% Consider Nuclear Weapons Inhumane* [Pesquisa Internacional Feita pelos Jovens da SGI Apontam que 91% dos Entrevistados Consideram Armas Nucleares Desumanas]. Disponível em: <<http://www.peoplesdecade.org/decade/survey/2013/130424.html>>. Acesso em: 26 jan. 2014.
- SOLNIT, Rebecca. *A Paradise Built in Hell: The Extraordinary Communities That Arise in Disasters* [Um Paraíso Construído no Inferno: Comunidades Extraordinárias que Surgem dos Desastres]. Nova York: Viking, 2009.
- _____. *Saigai to bunmei* [Civilização e Desastre]. Entrevista publicada no Seikyo Shimbun em 24 abr. 2012.
- SPENDER, Stephen. “Stephen Spender”. In: *The God That Failed* [O Deus que Falhou] de Richard Crossman. Nova York: Harper & Brothers, 1949.
- STIGLITZ, Joseph E. *Knowledge as a Global Public Good* [O Conhecimento Como um Bem Público Mundial]. In: Kaul, Inge, Isabelle Grunberg e Marc A. Stern. *Global Public Goods: International Cooperation in the 21st Century*. Nova York: Oxford University Press, 1999.
- TODA, Josei. *Toda Josei Zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda]. 9 volumes. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1990.
- TOYNBEE, Arnold J. *Civilization on Trial* [A Civilização Posta à Prova] e *The World and the West* [O Mundo e o Ocidente]. Cleveland e New York: The World Publishing Company, 1958.
- WATSON, Burton (tradução). *The Lotus Sutra and Its Opening and Closing Sutras* [O Sutra do Lótus e sua Abertura e Finalização dos Suttas]. Tóquio: Soka Gakkai, 2009.
- WRIGHT, Quincy. *A Study of War* [Um Estudo sobre Guerra]. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1965.
- YOSHIDA, Fumihiko. *Kaku no Amerika* [Os Estados Unidos das Armas Nucleares]. Tóquio: Iwanami shoten, 2009.
- ZOLLI, Andrew; HEALY, Ann M. *Resilience* [Resiliência]. Londres: Headline Publishing Group, 2012.

Propostas de Paz proferidas pelo Dr. Daisaku Ikeda em 26 de janeiro, Dia da SGI

- 2014** — Criação de Valores Humanos: A construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições
- 2013** — Compaixão, sabedoria e coragem — Para a humanidade viver em paz
- 2012** — Segurança humana e sustentabilidade: Compartilhar o respeito pela dignidade da vida
- 2011** — Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora
- 2010** — Novos valores para uma nova era
- 2009** — Competição Humanitária: nova esperança na história
- 2008** — A humanização da religião a serviço da paz
- 2007** — Resgatar a nossa humanidade: primeiro passo para a paz mundial
- 2006** — A nova era do povo: uma rede mundial de indivíduos conscientes e fortes
- 2005** — Uma nova era de diálogo: o triunfo do humanismo
- 2004** — Revolução interior: uma onda mundial pela paz
- 2003** — Por uma ética global — A dimensão da vida: um paradigma
- 2002** — O humanismo do caminho do meio — O alvorecer de uma civilização global
- 2001** — O desafio da nova era: construir a todo instante o “Século da Vida”
- 2000** — A paz pelo diálogo — É tempo de falar: uma cultura de paz
- 1999** — Pela cultura de paz — Uma visão cósmica
- 1998** — A humanidade e o novo milênio: do caos para o cosmos
- 1997** — Novos horizontes de uma civilização global
- 1996** — Rumo ao terceiro milênio: o desafio da cidadania global
- 1995** — Criando um século sem guerras por meio da solidariedade humana
- 1994** — A luz do espírito global: uma nova alvorada na história da humanidade
- 1993** — Rumo a um mundo mais humano no século vindouro
- 1992** — Uma Renascença de esperança e harmonia
- 1991** — O alvorecer do século da humanidade
- 1990** — O triunfo da democracia: rumo a um século de esperança
- 1989** — A alvorada de um novo globalismo
- 1988** — Entendimento cultural e desarmamento: os blocos edificadores da paz mundial
- 1987** — Propagando o brilho da paz: rumo ao século do povo
- 1986** — Rumo a um movimento global por uma paz duradoura
- 1985** — Novas ondas de paz rumo ao século XXI
- 1984** — Criando um movimento unido para um mundo sem guerras
- 1983** — Nova proposta para a paz e o desarmamento